

Hernani Dimantas

# Relatório de Qualificação

São Paulo  
2009

Hernani Dimantas

## Relatório de Qualificação

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação. Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação. Linha de Pesquisa: Tecnologias da Comunicação e Redes Interativas.

Orientadora: Prof. Dra. Elizabeth Nicolau Saad Corrêa.

São Paulo  
2009

Hernani Dimantas

## Relatório de Qualificação

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação. Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação. Linha de Pesquisa: Tecnologias da Comunicação e Redes Interativas.

Orientadora: Prof. Dra. Elizabeth Nicolau Saad Corrêa.

Aprovado em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /2009

---

---

---

---

---

São Paulo  
2009

## Sumário

Parte I .....	5
Atividades Realizadas no Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - PPGCom .	5
1. Informações sobre o Aluno .....	6
2. Disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação .....	7
2.1 Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e de Prática .....	8
2.2 A Informação Eletrônica em Questão: os Pensadores do Ciberespaço .....	9
2.3 Metodologia de Pesquisa em Comunicação Social.....	11
3. Cronograma de Atividades de Pesquisa .....	13
Parte II.....	14
PROJETO DA TESE .....	14
As Zonas de Colaboração: .....	15
MetaReciclagem - Pesquisa-Ação em Rede .....	15
1. Primeira Bricolagem .....	17
2. Metodologia .....	23
3. A Ruptura da Metafísica Padrão .....	27
4.1 Por uma Ética Hacker .....	39
5. As Zonas de Colaboração.....	44
5.1 As redes são por demais reais .....	48
5.2 Tecnologia maquínica .....	49
5.3 Produção de Subjetividade .....	51
5.4 O infinito do mundo inteiro .....	53
5.5 O monstro revolucionário.....	56
5.6 A multidão de comuns.....	59
5.7 O comportamento rizomático .....	62
5.8 Produção biopolítica .....	63
5.9 O mundo de pontas .....	65
6. Massas e maltas .....	68
7. Web invisível .....	77
8. Considerações Finais .....	81
9. Referências Bibliográficas .....	84

## **Parte I**

### **Atividades Realizadas no Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - PPGCom**

## 1. Informações sobre o Aluno

Nome: Hernani Dimantas

Nº USP: 679860

Aluno do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom)

Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação.

Linha de Pesquisa: Tecnologias da Comunicação e Redes Interativas

Orientadora: Prof. Dra. Elizabeth Nicolau Saad Corrêa

Nível: Doutorado

Título do Projeto: Zonas de Colaboração e MetaReciclagem: pesquisa-ação em rede

Ano de Inclusão no PPGCom: 1º semestre de 2007.

Previsão de Conclusão no PPGCom: 1º semestre de 2010.

Currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8744701505902266>

## **2. Disciplinas Cursadas no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação**

O Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom), da Escola de Comunicação e Artes na Universidade de São Paulo exige que os candidatos ao título de Doutor cumpram, no mínimo, 21 (vinte e um) créditos em disciplinas oferecidas pelo programa ou por outras Comissões de Pós-Graduação (CPGs) nos demais departamentos de pós-graduação da Universidade de São Paulo; 143 (cento e quarenta e três créditos) concomitantes reservados à elaboração e apresentação da tese de doutorado. Ao todo o aluno deve integralizar 164 (cento e sessenta e quatro) créditos.

Na tabela a seguir – cujas informações foram obtidas por meio do Sistema Fênix, sistema que gerencia os dados dos alunos de pós-graduação da Universidade de São Paulo - estão descritas as disciplinas por ordem cronológica, bem como o número de créditos a elas atribuídos e que foram cumpridos pelo aluno durante o programa de pós-graduação no PPGCOM.

## 2.1 Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e de Prática

Disciplina da Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação

Prof. Dra. Brasilina Passarelli.

Docente da Linha de Pesquisa: Educomunicação.

Disciplina cursada no 1º semestre de 2007.

Status do aluno: cursou a disciplina como aluno regular.

Resumo:

A proposta da disciplina Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Prática é o desenvolvimento de um trabalho coletivo, denominado texto coletivo, sob a forma de uma monografia. Esse trabalho conta com a interação virtual entre os alunos em ambiente oferecido pela disciplina e interação presencial entre o grupo de alunos da pós-graduação durante o semestre letivo, ao frequentar as aulas na Escola de Comunicação e Artes. O tema do texto coletivo é definido pelos alunos, bem como toda a tarefa de desenvolvimento e formatação do trabalho. O professor participa do processo como orientador.

Em todas as aulas ocorre uma relatoria alternante, a cada dia a aula é relatada por um aluno diferente. As relatorias são publicadas no ambiente virtual da disciplina em *blog* coletivo da turma. Os alunos também configuram seus *blogs* individuais. Nos encontros presenciais, as aulas são divididas em dois momentos: exposição de conteúdo teórico pela professora e posterior espaço para a negociação e arranjos no texto coletivo, sem a presença da professora em sala de aula. Nem sempre agradável a todos, esta experiência de trabalho colaborativo mostra o quanto, em uma sociedade em rede, estamos dependentes da colaboração, generosidade e da produção uns dos outros em uma sociedade em rede.

Trabalhos realizados: resenha do livro *Interfaces digitais na educação: @lucinações consentidas* e a produção do texto coletivo sob a forma de uma monografia intitulada *Cibercultur@, comunidades e relações de poder: uma produção colaborativa*.

Vinculação da disciplina com a tese:

A disciplina Criando Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Prática apresenta uma proposta inicial de produção colaborativa mediada na qual os alunos (ouvintes, especiais e regulares de nível mestrado e doutorado) são envolvidos no processo de construção coletiva. Tal experiência, entretanto, não teve nenhuma vinculação com a tese posto que parte da noção de um texto monográfico, acadêmico. Apesar disso, a proposta pode ser válida ao pensarmos na demanda da academia e da escola, de maneira geral, por novas propostas para o ensino e a aprendizagem que levem em consideração a produção discente.

Histórico Escolar: A.

## **2.2 A Informação Eletrônica em Questão: os Pensadores do Ciberespaço**

Disciplina da Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação.

Prof. Dra. Elizabeth Nicolau Saad Corrêa.

Docente da Linha de Pesquisa: Tecnologias da Comunicação e Redes Interativas.

Disciplina cursada no 2º semestre de 2007.

Status: cursou a disciplina como aluno regular.

Resumo:

A disciplina da Prof. Dra. Elisabeth Saad teve como objetivo analisar as teorias da cibercultura bem como seus principais autores que tratam da temática do ciberespaço, tratando da ascensão à categoria de novo campo de pesquisa dentro do campo científico da comunicação denominado: *Internet Studies*. A disciplina se organizou em três eixos:

1) O status das tecnologias de informação e comunicação: apresentação de seminários e discussão de textos dos autores: DAVID, Silver; BOLTER David Jay; GALLOWAY, Alexander. Tratou-se de temas tais como as construções narrativas dos ambientes digitais, computação ubíqua, protocolos e mito da transparência.

2) Pensamentos recentes: apresentação de seminários e discussão de textos dos autores: LEE-BERNERS, Tim; GALLOWAY, Anne and Matthew Ward; FLUSSER,

Vilém; WOLTON, Dominique; PARENTE, André, DOMINGUES, Diana; THEALL, Donald F. Tratou-se de temas tais como: poéticas do ciberespaço, Marshall McLuhan, novos olhares sobre o conceito de rede, mídia locativa, design na comunicação.

3) Pensando o sistema estratégico da informação digital: apresentação de seminários e discussão de textos dos autores: JOSEPHI, Beate; PADOVANI, Claudia; CASTELLS, Manuel. Neste tópico tratou-se do jornalismo e sua atual postura diante da democratização da tecnologia e das formas de publicação on-line. A disciplina apresentada pela Prof. Dra. Elizabeth Saad trouxe muitas referências bibliográficas recentes, principalmente através de artigos científicos. As discussões em sala de aula foram riquíssimas, cujo conteúdo foi acrescentado ainda mais pela participação de pessoas envolvidas com a produção jornalística e projetos em cibercultura.

Trabalhos Realizados: Ao final do curso foi produzido o artigo intitulado *Redes sociais: potência, subjetividade e o impacto da colaboração*. Esse artigo trata da construção (ou reconstrução) do conceito de redes sociais, no qual a Internet não está necessariamente ligada a computadores e sim a pessoas que os utilizam como ferramentas para a comunicação. Dessa perspectiva, o aluno/autor analisa o efeito da produção de subjetividade catalisada pelas redes sociais e aponta os impactos na colaboração e na descentralização dos poderes.

Vinculação da disciplina com a tese:

Além das referências bibliográficas sugeridas, a disciplina despertou um olhar para a produção sobre cibercultura em núcleos de pesquisa no Brasil e no mundo. Sendo assim trouxe um amplo referencial teórico para o estudo das redes sociais, principalmente ao discutir conceitos sobre participação em redes em sala de aula.

A partir do artigo produzido nessa disciplina originou-se a revisão teórica para a tese do aluno.

Histórico Escolar: A.

### **2.3 Metodologia de Pesquisa em Comunicação Social**

Disciplina da Área de Concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação.

Prof. Dra. Maria Immacolata Vassallo de Lopes.

Docente da Linha de Pesquisa: Epistemologia, Teoria e Metodologia da Comunicação.

Disciplina cursada no 1º semestre de 2007.

Status do aluno: cursou a disciplina como aluno regular.

Resumo:

O objetivo da disciplina ministrada pela Prof. Dra. Immacolata é contribuir para a formação de um domínio metodológico rigoroso por parte do pesquisador em comunicação social, preconizando um modelo de construção de teses e dissertações de mestrado nas quais o método não se resume apenas em uma das fases da pesquisa, mas engloba todo o processo do trabalho científico.

Desde a revisão da literatura e a proposição de um quadro teórico para a discussão do objeto de estudo escolhido, há uma metodologia implícita que perpassa a seleção de autores que abordam o tema permitindo a uma construção epistemológica acadêmica e a transformação do objeto comum em um objeto científico, possível de ser investigado. A escolha das técnicas de coleta de dados também se configura em um trabalho epistemológico e metodológico. Esse é um pressuposto que torna cada pesquisa única e submetida às limitações e escolhas do pesquisador. Assim as técnicas configuram-se espaços criativos que visam melhor alcance dos dados pelo pesquisador.

O curso foi ministrado através de aulas teórica, e a professora apresentou a proposta didática de desconstrução de uma tese do campo científico da comunicação. Durante o processo de desconstrução foi feita uma análise em grupo dos níveis (epistemológico, teórico, metódico, técnico) e das fases (objeto, observação, descrição, interpretação) da pesquisa escolhida.

O exercício de desconstrução configurou-se em um excelente modo de reflexão

acerca do planejamento da pesquisa científica e em uma prática sobre como efetuar a transformação dos dados brutos coletados em um trabalho dissertativo, organizado segundo critérios facilitadores de leitura e interpretação dos processos seguidos pelo pesquisador. Nesta disciplina, através da desconstrução crítica, construímos o nosso conhecimento metodológico.

Dentre os trabalhos realizados estão: apresentação de seminário em grupo sobre a desconstrução da dissertação ou tese; reformulação do projeto de pesquisa de acordo com o modelo proposto na disciplina.

Vinculação da disciplina com a dissertação:

A disciplina de metodologia trouxe referências bibliográficas sobre epistemologia da ciência e técnicas de organização e coleta de dados abordando explicitamente o campo de pesquisa em comunicação social. Através de um trabalho reflexivo, a disciplina proporcionou uma visão metodológica que abrange todos os processos pelos quais deve passar uma pesquisa científica. Nesse sentido torna-se um norteador de todo o trabalho do pesquisador, desde a definição do objeto de pesquisa, bem como a coleta de dados e posterior organização e interpretação.

Histórico Escolar: B



**Parte II**  
**PROJETO DA TESE**

Hernani Dimantas

**As Zonas de Colaboração:  
MetaReciclagem - Pesquisa-Ação em Rede**

São Paulo  
2009

**Resumo:** MetaReciclagem como movimento que nasceu no campo da comunicação já no âmbito de uma cultura digital brasileira em 2002 a partir da conversação em rede (lista de discussão) de um grupo de pessoas abordando o desenvolvimento de blogs, na inter-relação entre essa ferramenta e a constituição de projetos colaborativos na realidade social do Brasil. Ao longo dos anos o movimento tornou-se referência em apropriação da tecnologia social e inclusão digital no Brasil. Metodologia de pesquisa-ação aliada a técnicas de coletas de dados qualitativas, coleta de depoimentos on-line.

**Palavras-chave:** Tecnologias da comunicação e redes interativas, metareciclagem, redes sociais, epistemologia das redes.

**Abstract:** MetaReciclagem like a network conversation emerged in 2002 inside a cultural and digital brazilian reality with a discussion list about blogs and the relationship between social network tools and collaborative projects in brazilian social economic context. During the years, both movements become examples of technological and social appropriation and references at digital access of technology information in Brazil. The approach is action reseach with the community of practice from Metá:Fora and MetaReciclagem adoptting qualitative methods like testimonies on-line.

**Keywords:** metareciclagem, social networks, network epistemology.

## 1. Primeira Bricolagem

Em 1999, é lançado o *Manifesto Cluetrain*, apresentando uma série com noventa e cinco teses que prenunciavam o fim dos negócios como até então conhecíamos. De acordo com os autores - Chris Locke, Rick Levine, Doc Searls e David Weinberger - as empresas deveriam ouvir o que os mercados estavam 'dizendo', não só na mídia em geral, mas principalmente na Internet, onde essa conversa se manifestava de modo aberto, honesto, direto, engraçado e até, muitas vezes, chocante. Seja explicando, reclamando, brincando ou falando sério, a voz humana em uma conversação genuína não poderia ser falsificada. Dessa forma, o *Manifesto Cluetrain* marcou o início de uma poderosa conversação global que embalou os desejos de várias pessoas que estiveram conectadas na época:

Através da Internet, as pessoas estão descobrindo e inventando novas maneiras de compartilhar rapidamente o conhecimento relevante. [...] mercados estão ficando mais espertos - e mais espertos que a maioria das empresas. (LEVINE et. al., 2000, p. xxii-xxiii).

De fato, a Internet estava sendo povoada. A apropriação<sup>1</sup> dessa rede não aconteceu como as empresas imaginavam ou estavam, a princípio, interessadas. As redes podem ser muito simples quando observadas do ponto de vista das conversações. O *Manifesto Cluetrain* constitui-se na referência primordial para estudar a comunicação em uma rede como a Internet, a partir deste trabalho de pesquisa.

Eric Raymond (1999), um dos líderes do movimento do software livre, presidente da *Open Source Initiative* e autor de diversos artigos incluindo *A catedral e o bazar*<sup>2</sup> influenciou o mundo do *software* de código aberto ao mencionar: "O *Cluetrain* está para o Marketing e para as Comunicações assim como o movimento dos Códigos Abertos está para o desenvolvimento de Software" (RAYMOND, 1999). Com esta

---

1. Apropriação de acordo com do dicionário Aurélio significa: tomar como próprio ou adequado, conveniente; adequar, adaptar, acomodar ou como tomar como propriedade, como seu; arrogar-se a posse de. Neste trabalho o termo será utilizado com o sentido de tomar para si e, ao se referir às ferramentas de comunicação será utilizado no sentido de apoderar-se.

<sup>2</sup> O artigo *A catedral e o bazar* é citado neste trabalho de pesquisa por abordar o movimento informal de compartilhar o conhecimento na Internet e suas implicações nas relações de poder.

comparação o autor ressalta o caráter “anárquico, bagunçado, rude e infinitamente mais poderoso” da Internet de tornar o conhecimento relevante acessível para a diversidade de interesses humanos empenhados em encontrá-lo.

“Os mercados são conversações; falar é fácil e o silêncio é fatal”. Esse era o meu mantra na virada do milênio. Foi nesse momento, início dos anos 2000, que a Internet no Brasil deu uma guinada em consequência do estouro da *bolha*<sup>3</sup> na NASDAQ<sup>4</sup>, que a maioria dos grandes projetos de sites e portais não tiveram mais o fôlego financeiro para continuar no mercado. Nesse período passei a desenvolver o projeto *Marketing Hacker*<sup>5</sup> a partir de um contexto da formação de uma nova geração de comunicadores que, ao contrário das gerações anteriores, se constituía de forma independente dos grandes meios de comunicação e possuía, nas ferramentas de edição na Internet - os blogs - o meio de criação, difusão e troca de informação e conhecimento. Naquele momento, pretendia entender e discutir as mudanças que a Internet estava introduzindo no mundo dos negócios e na área de marketing. Havia um descompasso entre as práticas apoiadas em conceitos da comunicação de massa e as propostas comunicativas com as novas linguagens, práticas e possibilidades advindas do uso dos novos meios digitais.

O *Marketing Hacker* trata da influência da *ética hacker*<sup>6</sup> e da cultura de *escovar bits*<sup>7</sup>

---

3. Em 2001, empresas, serviços, políticos, ONGs inseriram-se na Internet para disponibilizar serviços e produtos. O *e-commerce* surgia como um novo canal de vendas. O dinheiro de outros setores começava a ser canalizado para sites, produtos e serviços da rede. A Internet prometia um futuro rico, infinito e cheio de possibilidades. Em maio de 2001, a "Bolha da Internet", ou seja, o fenômeno de supervalorização das empresas pontocom e de suas ações, estourou. Foi o fim de centenas de pequenas empresas virtuais que davam seus primeiros passos. Fontes: Anos 00: empresas virtuais, Nasdaq e a Bolha. *Portal Terra – Tecnologia*. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI542324-EI5026.00.html> Acesso em 31/05/2009. NORRIS, Floyd. (2001). *The New York Times*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u16499.shtml> Acesso em 31 maio 2009.

4. NASDAQ (*National Association of Securities Dealers Automated Quotations* – Pregão Automático da Associação Nacional dos Corretores), primeira bolsa de valores eletrônica do mundo e o maior mercado eletrônico dos Estados Unidos. Fundada em 08 de fevereiro de 1971 pela SEC - *National Association of Securities Dealers*. Em 2007 a Nasdaq adquiriu o operador sueco de bolsas OMX e passou a se chamar Grupo NASDAQ OMX. Atualmente, empresa lista mais de 3.900 empresas com ramos variados na indústria, como tecnologia, varejo, comunicações, serviços financeiros, transporte, meios de comunicação e tecnologia. Disponível em: [www.nasdaq.com](http://www.nasdaq.com). Acesso em: 31 maio 2009.

5. *Marketing Hacker*: foi o meu primeiro blog. Participei ativamente da construção daquilo que veio a ser a blogosfera tupiniquim. Em 2003 as idéias disponibilizadas no blog deram origem ao livro *Marketing Hacker*. Disponível em: <http://comunix.org/content/marketing-%C3%A9-hacker> Acesso em 31 maio 2009.

6. No jargão hacker, a *ética hacker* significa a crença em que o compartilhamento da informação é um poderoso e positivo bem. Na prática, isto significa um dever ético de trabalhar sob um sistema aberto de desenvolvimento, no qual cada um disponibiliza a sua criação para outros usarem, testarem e continuarem o desenvolvimento. Para Himanen (2001), os argumentos éticos do modelo hacker são os mais importantes. O aspecto mais interessante da ética dos hackers é opor à velha ética protestante. Uma relação mais livre é

para a área do conhecimento. Pode-se dizer que a Internet é a obra-prima *hacker*, uma vez que a comunicação entre as pessoas se dá por meio do compartilhamento das informações. Entretanto esse movimento não ficou restrito à arena tecnológica. Atualmente, ser um *hacker* independe do conhecimento inerente à área da computação. Faz mais sentido pensar no artífice, devido à criatividade do ser humano em rede. O *Marketing Hacker* coloca no campo de força as possibilidades de difusão do conhecimento livre e a crença de que as tecnologias da informação e comunicação atuam num processo silencioso, uma revolução que não será televisionada, mas provocará mudanças profundas na sociedade.

Quando falamos de Internet estamos nos referindo a pessoas que nela habitam, que usam Google, e-mail, Orkut, MSN, Twitter, blogs, Del.icio.us, YouTube, Flickr, Torrents e inúmeras outras redes que estão sendo construídas a todo momento. Pessoas que trocam emails com amigos, usam o Skype para conversar. Enfim, são pessoas comuns, que frequentam um mundo invisível e formam redes que se auto-alimentam, se cruzam, se miscigenam. A rede mistura espaços. E assim todos são bem-vindo à cultura do *remix*.

Podemos perceber que alguma coisa está modificando os rumos da economia, do trabalho imaterial. Essa forma de trabalho foi caracterizada por Hardt e Negri (2005) como produtora de informação, conhecimento, idéias, imagens, relacionamentos e afetos. Apresentando a tendência de não se limitar ao domínio estritamente econômico, mas ligado à esfera social e à produção de idéias, conhecimentos e afetos, o trabalho imaterial “não cria apenas meios através dos quais a sociedade é formada e sustentada; (...) produz diretamente relações sociais tornando-se uma força social, cultural e política” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 100-101). Tal relação de acordo com os autores, em termos filosóficos, também envolve a criação e a reprodução de novas subjetividades na sociedade.

Yockai Benkler (2006, p. 60) em *The Wealth of the Networks* mencionou a co-

---

também necessária na economia informal cuja base principal é a criatividade. Disponível em: <http://www.marketinghacker.com.br/index.php?itemid=61> Acesso em 31 maio 2009.

7. Escovar os bits: expressão que significa esmiuçar, verificar cuidadosamente, conferir as rotinas de programação de um programa de computador com a função de otimizá-las ao máximo.

existência de duas formas de economia: uma advinda das negociações no mercado tradicional onde as trocas se realizam por meio da moeda financeira e outra forma que o autor denomina por economia do compartilhamento ou *peer-production economy*, advinda do compartilhamento de informações na Web e na qual o valor e a moeda de troca nem sempre são da ordem financeira. Um sinal verde do *gtalk* me indica quem da minha rede está on-line. Falo com um monte de gente ao mesmo tempo. Fecho assuntos importantes, agendo um almoço, um jantar... e, converso com toda a equipe de trabalho. Estão todos conectados.

A vida é diferente daquela que aprendemos a viver e as pessoas estão conversando também de diferentes modos. Os espaços informacionais são tratados aqui como espaços que contemplam comunidades, *softwares* sociais, ferramentas de conversação e comunicação. Henri Jenkins (2006, p. 58) menciona apropriações e empoderamento de consumidores por meio de trocas e conversas nos espaços informacionais. Denominando de “cultura do conhecimento” que emerge a partir das conversações em comunidade na rede, o autor fala da disputa entre amadores e produtores: enquanto um grupo tenta se apropriar do conhecimento o outro tenta protegê-lo de tal apropriação representado a cultura do *expert versus* a cultura da *inteligência coletiva*.

A Internet traz como sequela uma nova forma de organização social na qual observamos a migração de uma cultura de massa para uma cultura que atua em rede. As tecnologias de informação e comunicação formaram o cenário lógico para a expansão das comunidades ou daquilo que mais especificamente denominamos, neste trabalho, zonas de colaboração (Capítulo 5). Há de se considerar a multiplicidade dessas relações, seja sob a forma de comunidades de desenvolvedores de *software* livre, dos contribuintes do Slashdot<sup>8</sup>, do Overmundo<sup>9</sup>, da MetaReciclagem - uma rede distribuída que atua desde 2002 no desenvolvimento

---

8. Slashdot é um dos maiores sites de notícias em Tecnologia da Informação na Internet, com 50 milhões de *page views* por mês. As notícias recebem um hanking por número de comentários inseridos pelos leitores. E os comentaristas são reputados pelo compartilhamento de conhecimento sobre o assunto. Disponível em: <http://slashdot.org/> Acesso em 31 maio 2009.

9. Overmundo: website colaborativo sobre a cultura brasileira lançado em março de 2006 com o objetivo de dar visibilidade na Internet à produção cultural brasileira que não era vista na grande mídia. Qualquer visitante pode criar um conta e publicar, votar ou sugerir edições ao conteúdo do site. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/> Acesso em 31 maio 2009.

de ações de apropriação de tecnologia, de maneira descentralizada e aberta<sup>10</sup> - ou seja por outros esforços colaborativos que visam à difusão de novos agenciamentos.

De fato, percebe-se que esses espaços informacionais são impulsionados por uma conversação assíncrona que, ao emergir, traz a reboque uma nova forma de organização descentralizada, tanto do ponto de vista da organização *per se* como da comunicação mediada pela tecnologia hiperconectada. Essa cultura de rede se expandiu rapidamente. Pessoas comuns se apropriam das tecnologias e reverberam em suas comunidades aquilo que aprendem. A replicação tornou-se a forma pela qual nos valem para aprender e ensinar nesse novo paradigma informacional. Pessoas que estão se conectando com outras pessoas. Aprendendo e ensinando para buscar um mundo melhor. Essa é a promessa da Web.

Nesse contexto da nova formação (informal) uma nova geração de comunicadores constituída por “amadores” organizam a informação para públicos específicos em múltiplas interfaces. Em minha dissertação de mestrado *Linkania – a sociedade da colaboração* iniciei um caminho para pensar essa rede e suas prováveis intervenções comunicacionais. Trata-se de um caminho que parte da desconstrução da metafísica padrão, apoiado no trabalho de David Weinberger (2006) em *The hyperlinked metaphysics* no qual o autor contrapõe à visão filosófica “containerizada” do mundo a ação on-line: “O *hyperlink* rompe a barreira do tempo, do espaço, do idioma e do bom senso. Uma transformação mais filosófica do que tecnológica.” (WEINBERGER, 2006).

Tal transformação filosófica faz sentido quando entendemos a ruptura como uma possibilidade de se pensar a tradição filosófica baseada nas relações de afeto conforme Espinosa define em *Ética* (ESPINOSA, 1973, p.185). Retomar alguns conceitos desse autor ao considerarmos a conversação em rede é pertinente uma vez que em seu pensamento, por meio de método dedutivo, ocupou-se da causa e dos efeitos dos afetos entre objetos e pessoas, reciprocamente. Tais relações de

---

10. A rede começou em São Paulo em parceria com a ONG Agente Cidadão, como um projeto de captação e remanufatura de computadores usados que posteriormente eram distribuídos para projetos sociais, MetaReciclagem sempre teve por base a desconstrução do hardware, o uso de software livre e de licenças abertas, a ação em rede e a busca por transformação social. Disponível em: <http://rede.metareciclagem.org/wiki/MetaReciclagem> Acesso em 31 maio 2009.

afeto também são propostas como links neste trabalho de pesquisa. O movimento dos afetos que aumenta ou diminui a potência das pessoas na rede acontece em uma sociedade que se configura rizomática (DELEUZE; GUATARI, 1995, p. 15) e abarca multiplicidades que produzem subjetividades em instâncias informacionais diferenciadas.

Nessa linha de conclusão de estudos passamos a investigar quais características essa multidão hiperconectada apresenta, de acordo com as análises muito bem desenvolvidas por Elias Canetti (1995) em *Massa e Poder*. Sendo utilizada como referência para as mais diversas áreas de conhecimento (sociologia, política, psicologia, história), essa obra traduz a diferença entre duas instâncias de ação – a da massa e a da malta – que podem ser observadas em relação à participação do indivíduo em rede. O indivíduo integra a massa e se modifica estruturalmente. A massa se constitui na relação dos indivíduos em um comum. Ambas as instâncias abrangem, em sua complexidade, um vasto campo de limites interligados, onde filosofia, moral, antropologia e religião convivem. Desvendar, distinguir e classificar a massa é o passo inicial de Elias Canetti para, em seguida, mostrar a relação existente entre a formação da massa e do poder.

## 2. Metodologia

Para esboçar os métodos de investigação propostos que ponderamos como adequados para a realização desse estudo pesquisa é importante, primeiramente, definir o objeto de estudo. Inserido na Linha de Pesquisa Tecnologias da Comunicação e Redes Interativas, na área Interfaces Sociais da Comunicação do PPGCom (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação) esse projeto de pesquisa propõe como foco de estudo no campo de conhecimentos definido como *Internet Studies*, o tema de pesquisa inserido no contexto da inclusão digital no Brasil denominado MetaReciclagem. De acordo com Silver (2004, p. 57) trata-se de uma tendência os então denominados *Internet Studies* que reúnem em uma série de investigações sociológicas sobre a “cultura virtual, que se constituem em uma antologia acerca de aspectos culturais, sociais e políticos do ciberespaço. Nesse sentido, o MetaReciclagem configura-se em um movimento de apropriação da tecnologia social<sup>11</sup> que teve início em 2002 por meio de uma lista de discussão na Internet e que envolveu a participação de ativistas, filósofos, comunicadores, programadores, mas, principalmente, a participação de pessoas comuns interessadas em aprender e discutir a inclusão digital no Brasil. A maioria das pessoas nesse movimento já participavam, compartilhando conhecimento, no Projeto Metá:fora<sup>12</sup>.

Esse estudo tem um foco na atuação do MetaReciclagem como uma máquina comunicativa num espaço onde centenas de pessoas através de ferramentas de comunicação on-line convivem num ambiente onde, pode-se dizer, o caos e a conversação imperam. Observando os rumos tomados pelo movimento a partir das conversas na Internet, desde o seu plano de ação iniciado a partir da conversação na Web, torna-se possível considerar a proposta de intervenção do

---

11. Apropriação da Tecnologia Social: termo comum quando se fala em inclusão digital que significa apropriar-se de produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social.

12. Metá:fora: o projeto Metá:fora começou com uma simples lista de discussão e muita vontade de compartilhar o conhecimento. Um grupo de pessoas, numa conversa descompromissada na Internet que pretendia a criação de um canal de pesquisa sobre comunicação, Internet, filosofia e cibercultura. Um projeto aberto. Baseado nos conceitos do software livre e dos códigos abertos. Disponível em: <http://www.marketinghacker.com.br/index.php?itemid=2367> Acesso em: 31 maio 2009.

MetaReciclagem como uma proposta de Pesquisa- Ação. De acordo com Le Boterf (1999):

Uma das características da PA [Pesquisa-Ação] consiste no fato de que seu dispositivo, concebido de acordo com a sua dimensão social, estabelece uma rede de comunicação ao nível da captação de informação e de divulgação. A PA faz parte de um projeto de ação social ou da resolução de problemas coletivos. (LE BOTERF, 1999, p. 84).

Outra característica da Pesquisa-Ação de acordo com Thiollent (2007) é o forte vínculo ou envolvimento do pesquisador ou da equipe de pesquisadores com a proposta de intervenção acionada. Em relação a tal postura é favorável considerar que o distanciamento é possível e necessário (objeto de vigilância epistemológica) pelo pesquisador-participante que não se torna, de maneira alguma, imune às tendências e idéias expressas no movimento de investigação proposto a partir do método. Entretanto por meio da capacidade de organizar um conhecimento teórico advindo da experiência de intervenção e “encaminhar explicações ou interpretações dos fatos observados” (THIOLLENT, 2007, p. 105) é que a Pesquisa Ação engloba uma reflexão coletiva sobre a intervenção proposta, por meio de depoimentos de seus participantes e retorne com uma avaliação da atuação na realidade. Segundo Lopes (2005):

(...) os ‘fatos’ não devem se impor absolutamente como verdade – como se impõem nas práticas sociais correntes fatos em seu lugar teórico, como ‘dados’, estabelecendo-se uma passagem dos fatos aos dados e vice-versa. (LOPES, 2005, p. 128).

O primeiro momento de ação da pesquisa pressupõe a organização da ação do grupo por meio de cronograma de atividades definidas de modo que os primeiros seminários de encontros onde os dados inicialmente levantados a respeito do objeto investigado são confrontados e expostos, cumprem o papel de norteadores da pesquisa e das futuras intervenções do pesquisador no sentido de poder observar o movimento em que está inserido de maneira mais lúcida e científica possível.

O primeiro movimento já aconteceu. O problema de pesquisa parte do processo de comunicação que ocorreu no MetaReciclagem: de que forma esse processo de comunicação constituiu-se em zonas de colaboração que resultaram em ações na realidade? Trata-se de uma pesquisa de natureza básica uma vez que propõe uma

investigação em área recente da comunicação; abordagem qualitativa com foco exploratório descritivo nos moldes de uma avaliação e reflexão sobre o processo comunicativo do MetaReciclagem. É proposto o recorte temporal no período de 2003 a 2008 para análise do movimento, com coletas de depoimentos on-line.

A pesquisa parte das seguintes hipóteses:

- 1ª hipótese: a criação na rede de uma zona de colaboração por meio de ações comunicativas tem por aspectos rizomáticos práticas de apropriação da tecnologia social.
- 2ª hipótese: as características da rede (multiplicidade, compartilhamento de informações, produção de subjetividade) são capazes de gerar transformações e intervenções na realidade social por meio de agenciamentos coletivos.
- 3ª hipótese: a evolução das conversações oriundas da Web resulta em potência para intervir na realidade.

### **2.1 Objetivos Gerais:**

- Contribuir para ampliação e discussão do conceito de zonas de colaboração como objeto de estudo científico no campo da comunicação, através da emergência de vozes mediadas pelas TICs.
- Contribuir para uma aproximação da cultura acadêmica com este processo, não apenas levando para a academia conceitos e métodos da cibercultura, mas também enriquecendo os repertórios pela via conhecimento acadêmico.

### **2.2 Objetivos Específicos:**

- Verificar, no contexto brasileiro, a atuação das zonas de colaboração, no processo

de comunicação descentralizada levando ao conhecimento acadêmico já institucionalizado essa abordagem comunicativa-tática.

- Propor uma reflexão aos participantes sobre o MetaReciclagem como um projeto de intervenção na cultura digital brasileira e de apropriação da tecnologia social: o significado das ações do grupo e os resultados no contexto sócio-cultural brasileiro.

O projeto em questão prevê o uso de procedimentos de pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo com participantes do MetaReciclagem. Serão aplicadas as técnicas de coletas de dado: coletas de depoimentos on-line e entrevistas semi-estruturadas.

### 3. A Ruptura da Metafísica Padrão

Metafísica é uma das principais obras de Aristóteles (384-322 AC) na qual aborda um ramo da filosofia para estudar a essência do mundo. Desde os primórdios da Grécia antiga, a metafísica<sup>13</sup> estava baseada na divisão do mundo segundo as características de cada matéria e o reconhecimento espaço-temporal das formas. Tratava-se de uma construção na qual a linguagem e nossa percepção de mundo faziam parte. Weinberger caracteriza essa construção por metafísica containerizada, pré-determinada.

A mudança e a transformação das diversas áreas do conhecimento, inclusive a capacidade da rede em estimular e manter conversações assíncronas da representação virtual do mundo é apontado por David Weinberger (2006) no artigo intitulado *The hyperlinked metaphysics of the web*<sup>14</sup>. “A Internet continua mudando conceitos culturais, rompendo com a metafísica padrão”. (WEINBERGUER, 2006)<sup>15</sup>. Segundo o autor a metafísica padrão não é capaz de refletir a nossa experimentação do mundo.

Esse processo de divisão raramente é consciente e acontece através da linguagem, a qual é elaborada pelos poetas de vários tipos, incluindo cientistas, políticos, marketeiros e adolescentes revoltados(...) O modelo de containeres, como muitos de nós suspeitamos, é inadequado. Ele simplifica demais as experiências. (WEINBERGER, 2006).

A ruptura com a metafísica padrão à qual Weinberger se refere tem inspiração em Martin Heidegger. Assim como as ferramentas apenas fazem sentido quando referidas a um contexto, o mesmo acontece com a linguagem na qual os signos

---

13 Metafísica: de acordo com o dicionário Aurélio [Do gr. *metà tà physiká*, 'depois dos tratados da física'.] Substantivo feminino. 1.Filos. Parte da filosofia, que com ela muitas vezes se confunde, e que, em perspectivas e com finalidades diversas, apresenta as seguintes características gerais, ou algumas delas: é um corpo de conhecimentos racionais (e não de conhecimentos revelados ou empíricos) em que se procura determinar as regras fundamentais do pensamento (aquelas de que devem decorrer o conjunto de princípios de qualquer outra ciência, e a certeza e evidência que neles reconhecemos), e que nos dá a chave do conhecimento do real, tal como este verdadeiramente é (em oposição à aparência). [Cf. ontologia.] 2.Hist. Filos. Segundo Aristóteles (v. aristotelismo), estudo do ser enquanto ser e especulação em torno dos primeiros princípios e das causas primeiras do ser.

14. WEINBERGER, David. **The hyperlinked metaphysics of the web**. Disponível em: <<http://www.hyperorg.com/misc/metaphysics/index.html>> Acesso em 31 mar. 2009.

estão conectados àquilo a que remetem, bem como à nossa consciência do mundo em relação ao ambiente em que estamos vivendo. A crítica de Heidegger abarca uma moderna visão de mundo. Na qual a concepção de sociedade nasce no indivíduo e não do grupo social. Ao considerarmos a Web como um espaço que nasce a partir da conversação e da troca entre pessoas que compartilham interesses, observa-se que ela é espaço da pluralidade social, construído, desde o início, a partir da relação, da generosidade e da atividade voluntária entre os seres humanos.

Segundo Weinberger (2006) “O *hyperlink* rompe a barreira do tempo, do espaço, do idioma e do bom senso. Uma transformação mais filosófica do que tecnológica”. O autor entende a Web como um mundo compartilhado, que estamos construindo juntos. Um mundo não-sequencial e repleto de pedaços de informações e construções cujas narrativas nos dão o contexto da informação, independente de um centro disseminador. Esse processo de construção seria caracterizado por uma ruptura dos contêineres do tempo e do espaço. Nesse sentido, a Internet pode ser entendida como um novo lugar. Um ambiente diferente. Internet não é apenas uma nova mídia, um canal de comunicação. Um novo lugar propício para as conversações e, como consequência, para uma sociedade colaborativa.

Outros pensadores da metafísica, de Platão até Nietzsche, têm refletido intensamente sobre o ser<sup>16</sup>, sobre a totalidade do ser, apesar das partes que o formam. Heidegger percebeu que as gerações de pensadores anteriores estavam deixando de lado algo crucial, que um ser para se caracterizar pelo que é, não pode ser definido por um outro ser<sup>17</sup>. Mas as singularidades tomam o lugar da completude do indivíduo. Somos partes, discretos pedaços que constituem o ser. Heidegger nos apresenta um ser - aí (*dasein*) (HEIDEGGER,1997, p. 125). O conhecimento humano não é pura informação, é um conhecimento intencional, ou seja, só sabemos o que de alguma maneira nos interessou ou nos interessa.

---

16. Ser ou entidade (em inglês *entity*) [Do lat. med. entitate.] Substantivo feminino. 1. Aquele ou aquilo que tem existência distinta e independente, quer real, quer concebida pelo espírito; ente, ser:

17. No original: “he had thought widely and deeply about entities, indeed the totality of entities, entities as a whole, the entirety of what is. (...) Heidegger noticed that it leaves out something crucial, namely that in virtue of which entities are entities, what makes them entities, as it were. What makes entities entities cannot itself be another entity”. (Tradução nossa).

Dasein é um verbo que significa existir e naturalmente é também o substantivo "existência", Dasein. A palavra Dasein se traduz, naturalmente, por existência, é a tradução normal. Mas há um momento em que Heidegger define Dasein e diz: 'Das Wesen des Daseins liegt in seiner Existenz', que se traduz literalmente: 'a essência do Dasein consiste em sua existência', resulta em uma tautologia. Eu propus uma tradução que pelo menos não é uma tautologia. Porque como 'existir' é um infinitivo e o espanhol - e o alemão - admite o infinitivo substantivado, que se converte em substantivo, então traduzo: 'a essência do existir consiste em sua existência'. Não é totalmente claro, mas não é uma tautologia. De modo que esta é uma tradução possível, que me parece melhor do que a tautológica: 'a essência da existência é sua existência'. (MARÍAS, 2000).

*Dasein* é o ser-no-mundo que se encontra em situação, num círculo de afeto e interesses; o homem que está sempre aberto para se tornar algo novo. A própria situação presente é determinada por aquilo que ele pretende fazer no futuro. Muito do que ele faz hoje, senão tudo, ele o faz em vista do que ele quer ser amanhã.

O pensamento de Heidegger nos aponta para as mudanças. Taylor Carman (2008) no livro *Basic Writings*, menciona:

Pouco tempo depois da Segunda Guerra Mundial, Heidegger passa a acreditar que a metafísica ocidental teria ultrapassado o cartesianismo rumo ao subjetivismo kantiano que projeta o mundo como um "quadro" objetivo contra si mesmo. Ele começa a pensar que a moderna tecnologia não seria um instrumento ou efeito de sujeição obstinada do sujeito no mundo do qual é objeto, mas longe disso uma auto-organização menos propositiva, menos centralizada – portanto bem diferente – de entidades com mais recursos materiais (CARMAN, 2008, p. XV, tradução nossa).

Nesse sentido, estamos num processo de expressão de subjetividades jamais visto. Pois qualquer pessoa tem a possibilidade de publicar na rede, sejam emails, *scraps*, artigos, *blogs*, músicas ou imagem. A Internet é um meio multimídia que dá às pessoas espaço para inúmeras formas de expressão. A cultura cibernética não é nada mais do que uma compilação de tal diversidade.

O ser também está se modificando. Cada um de nós pode ser muitos ao mesmo tempo, basta observarmos os *nicknames* na Internet. A multidão passa a estar dentro de cada um de nós também. Somos, em rede, múltiplos sujeitos. Neste sentido, a Internet traz novidades. Permite perceber essas singularidades e entender que essa multidão monstruosa potencializa o debate. E nos faz compreender que o

poder tende à descentralização. "As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização, segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras." (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17). A catalisação da colaboração não é um caso em desenvolvimento. É uma realidade virtual. A colaboração é um processo que não nasceu com o computador. Está nos mutirões, nos puxadinhos, nas periferias das sociedades.

Stuart Hall diz que: o sujeito do iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas do sujeito pós-moderno (HALL, 2006, p. 46) As multiplicidades de singularidades formam a multidão. O 'ser' deixa o centro da existência. O cartesianismo, segundo Heidegger, não explica mais o nosso mundo. Está, lentamente, sendo deixado no seu lugar. O pensamento humano está em transformação em tempo real. Não mais pensamos para poder existir. Aliás, como diz Murilo Mendes (apud. SODRÉ, 2002): "Só não existe o que não pode ser imaginado".

Internet não tem nada a ver com computadores. Tem a ver com pessoas. Por isso, o recorte que queremos abordar está na compreensão do espaço virtual. A esse respeito diz Pierre Lévy (2001):

A virtualidade não tem absolutamente nada a ver com aquilo que a televisão mostra sobre ela. Não se trata de modo algum de um mundo falso ou imaginário. Ao contrário, a virtualização é a dinâmica mesma do mundo comum, é aquilo através do qual compartilhamos uma realidade. (LÉVY, 2001, p. 148).

Virtual é uma palavra mal compreendida. O virtual do qual a maioria das pessoas fala tanto sem saber do que realmente se trata, não é algo etéreo, não é um lugar que as pessoas se utilizam para não-ser o que são. O virtual é parte do que chamamos de real, é tão real como o presencial. Virtual tem raiz no latim: *vir* se refere a homem, força, virilidade, virtude. E, dessa forma, virtual é potência. Faz oposição ao atual, ao presencial. É um espaço de significado simbólico. Um espaço informacional que representa uma nova geração de sistemas de comunicação.

Essa analogia permite pensar a rede como um espaço onde a potência é mais

sugestiva e operativa do que o poder. Explica-se, assim, a característica rizomática do espaço informacional da qual tratam Deleuze e Guattari (1995) e que opera novas formas de relação na sociedade. Conhecimento livre, *copyleft*<sup>18</sup>, contracultura, anarquia, colaboração são os bons resultados dessa equação. Os meios de translação, de comunicação, de interação, no sentido de que nos possibilitam o trânsito, o viver entre idéias, culturas, informação e conhecimento diversos.

Desde o século XIX, grande parte do esforço científico tem sido aplicada ao desenvolvimento de meios de translação e comunicação, ou seja, a novas formas de conectar pessoas. Carros, aviões, rádio e televisão, de certa forma, encurtam a distância entre os seres humanos e, ao mesmo tempo, se constituem em poderosos instrumentos estratégicos pelos quais circulam idéias e modos de vida. A Internet segue nesta mesma linha: serve para conectar pessoas, idéias, modos de vida e produção social. Weinberger (2004) denomina esse esforço como a era da conexão, embora outros termos pareçam descrever igualmente estes tempos marcados pela comunicação, informação, conexão. Em relação aos demais meios de comunicação e informação, a Internet é mais abrangente. Ela não apenas aproxima as pessoas. Ela cria um novo lugar de convivência. A Internet é um mundo diferente daquele no qual crescemos. Tempo e espaço não têm o mesmo significado que aprendemos nas experiências comuns ou mesmo com os demais meios de comunicação. O meio físico caminha para a virtualidade. O paradoxo, assim, se transforma em paradigma. Elizabeth Saad (2003) menciona:

Aspectos mais significativos das redes digitais de comunicação e informação: (...) coloca produtor e receptor da informação no mesmo patamar; que possibilita diálogos interpessoais e intergrupais sem a intervenção do produtor da informação; com potencial de uso não apenas de distribuição e captação de informações, mas também de gerenciador de dados e criador de sentido para grupos de usuários de qualquer porte. (SAAD, 2003, p. 25-26).

---

<sup>18</sup> O *copyleft* surge a partir do início de uma proposta de software livre em 1984 quando Richard Stallman, no Massachusetts Institute of Technology, por convicções políticas dedicou-se a trabalhar em um projeto não-proprietário de desenvolvimento de um sistema operacional livre ao qual denominou GNU (GNU's Not Unix). Seu ideal era criar um software que permitisse às pessoas o uso livre da informação sem que tivessem que pedir permissão para transformar o código de acordo com suas necessidades, ou quando quisessem compartilhar com amigos. Entretanto, as características de liberdade para compartilhar e customizar eram incompatíveis com o modo de produção do mercado e com as leis de direitos autorais. Tal realidade exigiu a criação de uma licença que liberasse os usuários para copiar, distribuir e modificar o material produzido. Daí surgiu a primeira licença *copyleft* GNU General Public Licence (GPL). Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard\\_Matthew\\_Stallman](http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Matthew_Stallman)> Acesso em: 18 maio 2009.

Sem meios de acesso ficaremos marginais à sociedade virtual. Democracias interconectadas, para existir, precisam de acesso irrestrito que as garantam enquanto tais. A tendência é de que haja convergência de tecnologias, no sentido de operar a passagem entre a tecnologia anterior para a digitalidade da rede. Telefones conversam com a rede, enviando e recebendo informações. Televisões devem fazer o mesmo. Os portáteis, incluindo celulares e PDAs, deverão estar conectados em rede, propiciando aos usuários uma conexão ao mundo virtual, onde seja possível aceder às informações e “blogar” suas análises, retroalimentando a rede.

O que significam os avanços e o acesso às tecnologias de informação e comunicação? Os avanços significam simplesmente o barateamento e massificação da tecnologia. Assim, a grande sacada está em dar vazão a essa conectividade. Buscar o potencial para incrementar o inter-relacionamento dos mercados, ou “bazares”, para usar o termo de Eric Raymond (1999), enquanto mediações entre pessoas, produção, produtos e signos.

Por trás de cada computador há um ser humano buscando uma nova forma de aprender, produzir, se expressar, ensinar, aproveitar e prosperar. E humanos são também sonhos, sentimentos e contradições, não apenas razão, cérebro e máquina, uma rede de crenças e desejos. Já disseram que dentro de nós há multidões. Também já disseram que somos símbolos ou signos. Hoje podemos dizer que somos *links*. *Links* que se conectam com outros links.

## 4. A Cultura das Redes

Quando acessamos nossos computadores e tudo corre bem, abrimos o navegador para o mundo. Atingimos o mais abrangente espaço *hacker* — o das pessoas conectadas — onde a troca de informações facilita o aprendizado informal. A distância entre as pessoas diminui. A conexão transmuta-se em uma outra realidade.

A emergência é um processo de auto-organização, cuja única "única diferença é o material de que são feitas: células de enxames, calçadas, zeros e uns". (JOHNSON, 2001). Entretanto, isso não é tão importante, pois o que nos interessa é observar a tendência do pensamento de baixo para cima (*bottom up*) modificando a forma da humanidade pensar. Continuamente, ouvimos falar das experiências de organização de comunidades de seres vivos, da capacidade de construção de redes descentralizadas de formigas, cupins ou abelhas.

Mutação, transformação e modificação são palavras que usamos bastante no cotidiano digital. Se a Internet trouxe em seu bojo a idéia de revolução, trouxe consigo críticas inequívocas em relação ao modo como a sociedade moderna está estruturada. Romper paradigmas significa destruir os preconceitos nos quais estamos inseridos. E muitos desses preconceitos estão diretamente ligados à forma como nos organizamos e conversamos. Mesmo de forma sutil, sem exatamente compreendermos porque agimos de determinada maneira.

De acordo com Henry Jenkins (2007), no artigo *From YouTube to YouNiversity*:

a cultura da rede conectada possibilita uma nova forma de poder de baixo para cima, pois diversos grupos de pessoas dispersas se associam de acordo com suas habilidades e encontram soluções de muitos problemas complexos que talvez não pudessem resolver individualmente. Eles são capazes de fazer isso devido à maneira como as novas plataformas das novas mídias dão suporte para a emergência de redes sociais temporárias que existem apenas durante o tempo necessário para fazer face a desafios específicos ou responder a necessidades imediatas de seus membros. Por exemplo, elas podem testemunhar uma aliança em defesa de diversos interesses ideológicos que tenham ocorrido no ao longo de um ano devido ao princípio de neutralidade da rede na Web. (JENKINS, 2007).

Desse ponto de vista, percebemos que os mercados também se transformam como deixa claro o Manifesto Cluetrain ao propor o fim dos negócios como conhecemos. Por quê? Os mercados são conversações. E essa conversação faz as pessoas se aproximarem, não só para trocar informações cotidianas, muitas vezes descartáveis, mas para uma auto-organização da sociedade civil. As conversações seriam a democratização do processo organizacional coletivo?

Henry Jenkins (2007) chama essa cultura de participatória, a saber:

a cultura participatória, para descrever os novos tipos de atividades sociais e criativas que emergiram em associações na rede. Uma cultura participatória é uma cultura que conta relativamente com poucas barreiras à para a expressão artística e ao engajamento cívico e dá um grande apoio para se criar e para compartilhar criações de qualquer pessoa ou de um parceiro que seja uma espécie de mentor, já que sabidamente seja é mais experiente em relação aos do que os principiantes. Uma cultura participativa é igualmente aquela em que os membros confiam no conteúdo material de suas contribuições e sentem algum nível de conexão social uns com os outros. A cultura participatória desloca o foco da capacidade de uma expressão individual para envolver toda a comunidade. (JENKINS, 2007).

Em rede ninguém realmente pensa sozinho. Trata-se da morte do pensamento individualista. Todo pensamento é produzido em colaboração com o pensamento passado e presente de outros – cada nova idéia e imagem convidam a novas colaborações e as inauguram. Ao tratar dos aspectos econômicos da produção social, em particular do fenômeno da produção pelos pares, *commons based peer production*, Benkler (2006, p. 91) aponta três questões importantes: I) Por que as pessoas participam? II) Por que participam em um mesmo momento e em um mesmo projeto? III) É eficiente que todas essas pessoas compartilhem seus computadores e doando seu tempo e esforço criativo? A resposta para essas perguntas tem como exemplo de ação a produção contemporânea do sistema operacional Linux. De acordo com o autor a motivação para participar em uma produção colaborativa não vem apenas da intenção de se fazer uma boa ação, mas de complexos relacionamentos que agregam valor tanto ao trabalho quanto à participação em si, seja status, seja reputação, seja dinheiro e demais valores subjetivos para os participantes além do projeto em si. Em suma, crenças e desejos estão envolvidos na participação, motivos intrínsecos e extrínsecos. “Vivemos

nossas vidas em diferentes camadas sociais, e o dinheiro tem uma relação complexa com cada uma delas, algumas vezes ele motiva a participação das pessoas, algumas vezes ele desmotiva.” (BENKLER, 2006, p. 92).

David Weinberger (2009) analisa essa participação sob a perspectiva de uma outra democracia:

Não é óbvio que, apenas por estarmos participando mais de nossa cultura, nossa democracia também mude. Certamente política e cultura não são reinos distintos, temos então a expectativa de que uma deva afetar a outra. Todavia isso não ocorre necessariamente. Tomemos alguns exemplos de participação cultural. O que você escolheria? Wikipédia? Blogosfera? Compartilhamento de arquivos? Second Life? Delicious.com? AssignmentZero? Qual a sua participação neles e o que essa participação nos ensina? Até que ponto trata-se de fazer política? As lições são repassadas? Por exemplo: a Wikipédia nos ensina - mas há aqueles, porém, que pensam nisso com reservas – que as autoridades credenciadas podem não ser as únicas pessoas em quem devemos confiar. Mas isso também se aplica à elaboração das enciclopédias? Isso não afetaria nossa visão de, digamos, especialistas em políticas do governo? O que estamos aprendendo e onde isso se aplica? (WEINBERGER, 2009).

São muitas formas de se participar da rede. David Weinberger(2009) pergunta se todas essas interfaces de conexão vão causar algum impacto nas pessoas em rede? Essas pessoas estabelecem novos campos de força por meio de discursos, que se apresentam sob múltiplas interfaces, e emergem dinamicamente nos movimentos dos atores em rede, uma condição de sobrevivência imersa que cria espaços jamais apresentados para as ações múltiplas, nas quais o discurso linka e constrói.

O desafio é entender a rede como um movimento múltiplo, no qual a incerteza é uma característica mais acentuada do que os formatos, as disposições, e, principalmente, as ferramentas pelas quais o próprio movimento se manifesta. Pode-se pensar no movimento de uns comunica-se com o movimento de outros. Contudo, além disso, pessoas têm uma meta. De acordo com Canetti (1995) é algo que já estava ali antes mesmo que fossem encontradas as palavras para descrevê-la.

A sociedade e a rede são conceitos indissociáveis. Os seres humanos vêm se organizando em redes colaborativas desde o começo dos tempos. Há muito tal tipo

de organização permite que sejamos capazes de transformar o mundo ao nosso redor, criando conhecimento e cultura de maneira coletiva. Não há sociedade, se não houver redes seja de amigos, famílias, primos e primas, sobrinhos por pessoas com afinidades que se conectam por um algum fator que combina os anseios, interesses e desejos das pessoas.

Entretanto as redes não são novidades. Se a Era Industrial, sob o domínio da comunicação de massas, deixou a rede escondida. Em segundo plano mas, a internet tem nos levado a reviver a idéia. O sistema torna-se mais abrangente. As redes de amigos cresceram. Hoje em dia, com o advento e popularização da Internet, novas redes colaborativas, e voltadas para a produção criativa, têm surgido com incrível velocidade, gerando bens coletivos de valor inestimável.

A rede dos *hackers*, um dos exemplos mais evidentes, produz, todos os dias, inovações tecnológicas que prometem revolucionar a economia dominante do mercado de *software*. São os chamados *softwares* livres, que podem ser instalados gratuitamente em qualquer computador, permitindo a realização de uma gama enorme de atividades, desde conectar a câmera digital até editar e mixar uma música. Mas o mais importante é que estes softwares são compartilhados nessas redes, podendo ser estudados, pesquisados e aperfeiçoados por todos.

Todavia a produção coletiva e descentralizada de bens criativos não se aplica somente ao *software*. Já começam a aparecer reflexos dessa nova forma de produção em diversas áreas do conhecimento. Um ótimo exemplo é a Wikipédia, uma enciclopédia construída coletivamente na web. O software livre é o caso mais conhecido e mais impactante de uma nova dinâmica que demonstra a produção de conhecimento livre como alternativa economicamente viável e sustentável.

Pretendemos discutir o surgimento das novas redes, o papel da Internet e da tecnologia digital como multiplicadores, e os impactos sociais, culturais e econômicos deste novo meio de produção criativa. Poder e saber têm significados antagônicos, entretanto, talvez uma sutileza do destino tenha aproximado conceitos tão dispares. Para contextualizar essa dicotomia precisamos pensar no fato de que ainda não começamos a pensar, pois a equação poder e saber está desbalanceada

numa entropia negativa. A equação estaria melhor nestes termos: assim como o saber só existe quando está livre para voar, conhecimento livre pressupõe o desatrelamento do poder.

O que queremos dizer é que a rede indica um futuro libertador. A Web só faz sentido quando um se preocupa com o outro. Numa circulação generalizada e libertadora de fluxos de informações e das ondas econômicas. A Web é um mundo que criamos para todos nós e só pode ser compreendido no interior de uma teia de idéias que inclua os pensamentos que fundamentam a nossa cultura, com o espírito humano persistindo em todos os nós.

Howard Rheingold (2003) autor do livro *Smart Mobs: the next social revolution*, diz que o potencial transformador mais profundo de conectar as inclinações humano-sociais à eficiência das tecnologias da informação é a possibilidade de fazer coisas novas conjuntamente, e o potencial para cooperar numa escala e de maneiras nunca antes possíveis. Além disso, as multidões inteligentes (*smart mobs*) emergem quando a comunicação e as tecnologias da computação amplificam o talento humano para a cooperação.

As redes da mobilização englobam a rede do conhecimento. São mais factíveis, reais, e mostram resultados rápidos. A sociedade civil se organiza, compra, vende, troca, aprende e ensina mobilizando as bases para o interesse comum. Desenvolver a comunidade, criar filhos, conviver com amigos, trabalhar e tentar ser feliz. Dizemos que estando em rede não há mais necessidade de operar a mudança social, ela se faz permanente.

O software livre é o caso mais conhecido da resistência digital — e o que teve maior impacto. Uma nova dinâmica, que demonstra a produção de conhecimento livre como alternativa economicamente viável e sustentável. O código aberto está trazendo para a inovação o que a linha de montagem trouxe para a produção em massa.

Quando pensamos em redes hiperconectadas e suas diversas formas de organização, temos que nos atentar para a maneira que as comunidades de

*software* livre se desenvolveram. O conceito de *software* livre começa a ser disseminado por Richard Stallman na década de 1970: um conceito ideológico-filosófico que desponta no interior das universidades americanas. No entanto, o ritmo de desenvolvimento e de produção do *software* livre estava nas mãos de alguns poucos desenvolvedores.

O Linux aparece em 1992. Eric Raymond faz uma reflexão importante sobre o desenvolvimento de *softwares* em grupos fechados que ele denomina “catedral” e sobre o modelo do “bazar”, onde o desenvolvimento é articulado através do envolvimento de programadores conectados:

O estilo de Linus Torvalds de desenvolvimento -- libere cedo e frequentemente, delegue tudo que você possa, esteja aberto a ponto da promiscuidade -- veio como uma surpresa. Nenhuma catedral calma e respeitosa aqui -- ao invés, a comunidade Linux pareceu assemelhar-se a um grande e barulhento bazar de diferentes agendas e aproximações (adequadamente simbolizada pelos repositórios do Linux, que aceitaria submissões *de qualquer pessoa*) de onde um sistema coerente e estável poderia aparentemente emergir somente por uma sucessão de milagres. O fato de que este estilo bazar pareceu funcionar, e funcionar bem, veio como um distinto choque. Conforme eu aprendia ao meu redor, trabalhei duramente não apenas em projetos individuais, mas também tentando compreender porque o mundo do Linux não somente não se dividiu em confusão, mas parecia aumentar a sua força a uma velocidade quase inacreditável para os construtores de catedrais. (RAYMOND, 1999).

O Linux inaugura uma abertura, só possível graças às possibilidades de compartilhamento e trocas promovidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação. A Internet deu condições para que as trocas fossem incrementadas, o que até então não era possível. Linus inaugurou um modo de produção que contava com a colaboração das pessoas comuns.

Colaboração como capital social. Colaboração para fazer qualquer coisa que o desejo provoque. Colaboração como condição de sobrevivência. Colaboração como viés estrutural no desenvolvimento das novas organizações, veia latente dos processos de inovação tecnológica, canal de viabilização da interação entre fornecedores, clientes e comunidades de usuários dos múltiplos produtos hoje oferecidos pela Internet.

Colaboração é processo, e é preciso que aconteça independente do retorno financeiro a curto prazo. É esta a grande novidade, onde a colaboração passa a ter um papel mais importante do que a cathedral. O conhecimento tende a ser livre. Estamos presenciando intensas mudanças, principalmente no que se refere a propriedade intelectual, liberdade de expressão e práticas de comunicação. Prefiro usar o termo linkania ao invés de cidadania, porque este último se relaciona a cidade ou expressa o que definimos como metafísica padrão. Linkania entra no contexto de ruptura e da percepção que nós somos links ligados a outros links. A hiper-conexão não faz muito sentido se não pensarmos em comunidade, ou em multidão, servindo-nos do conceito de Negri (2000). Nós somos a rede.

#### 4.1 Por uma Ética Hacker

Pekka Himanen (2003), em entrevista para Sheila Grecco, diz:

A ética protestante incluiu a idéia do "time is money". Governada por essa ética, muito de nossa economia se tornou mais e mais veloz. Nosso tempo de lazer está diminuindo e se tornando apenas obrigação, um processo que poderia ser chamado de "Fridayzation of Sunday". Pessoas estão constantemente correndo de um compromisso a outro, tentando sobreviver dentro dos prazos, do "deadline", expressão que é significativa do nível de emergência e exaustão a que se chegou. Da perspectiva de um hacker, esse é um resultado estranho do progresso tecnológico. O aspecto mais interessante da ética dos hackers é se opor frontalmente à velha ética protestante. Os hackers crêem que a revolução digital deve ser traduzida também em um tempo lúdico para a humanidade. Trata-se de reverter o processo, transformar a sexta-feira no domingo ("The Sundayization of Friday"). Uma relação mais livre é também necessária na economia informal cuja base principal é a criatividade: você precisa permitir a formação de estilos individuais se desejar que se criem coisas interessantes. Na ética protestante, a idéia do dinheiro era um valor em si mesmo. Isso não significa que os hackers sejam ingênuos ou anticapitalistas. Na nova economia, a idéia de propriedade se estendeu para a noção de informação em uma escala jamais vista anteriormente. (HIMANEN, 2003).

A cultura *hacker* tem origens no Massachusetts Institute of Technology (MIT) e em

outros laboratórios americanos, como o PARC da Xerox. Essa cultura coloca o ser humano no centro do universo e passa a desenvolver toda uma nova relação para satisfazer esta nova variável. Esses são “os caras” dos *softwares* de códigos livres, esses são os homens do GNU-Linux. Eric Raymond (1998) diz sobre o Linux:

Linux foi o primeiro projeto a fazer um esforço consciente e bem-sucedido a utilizar o *mundo* inteiro como sua reserva de talentos. Eu não acho que seja uma coincidência que o período de gestação do Linux tenha coincidido com o nascimento da World Wide Web, e que o Linux tenha deixado a sua infância durante o mesmo período em 1993-1994 que viu a expansão da indústria de ISP e a explosão do principal interesse da Internet. Linus foi a primeira pessoa que aprendeu como jogar com as novas regras que a onipresente Internet fez possível. Embora uma Internet barata fosse uma condição necessária para que o modelo do Linux evoluísse, eu penso que não foi uma condição por si só suficiente. Outro fator vital foi o desenvolvimento de um estilo de liderança e conjunto de formalidades cooperativas que permitiria aos desenvolvedores atrair co-desenvolvedores e obter o máximo suporte do ambiente. (RAYMOND, 1998).

Mas estamos vendo o mundo a nossa volta progredir. Linkados à rede, vemos pessoas desenvolvendo projetos próprios, comunidades conversando e criando fórmulas alternativas. E empresas desenvolvendo negócios baseados na criatividade dos seus clientes. Não é para menos. A informação anda na frente, um passo adiante dos setores relacionados. Não é por acaso que o movimento *hacker* está atrelado desde os seus primórdios à programação de *software*, e se estendeu através da indústria da informação.

Em *The hacker Ethic and the spirit of the information age*, Pekka Himanen (2001) identifica a questão hacker como:

A questão principal, então, passou a ser como seria se o hackers comesçassem a ser analisados sob uma perspectiva mais abrangente. O que significa o desafio lançado por eles? Sob essa ótica, a palavra hacker é utilizada para descrever uma pessoa com uma determinada obsessão pelo trabalho, relação essa que está ficando cada vez, mais aparente na Era da Infomação. Desse ponto de vista, a ética dos hackers é uma nova ética de trabalho que desafia o comportamento em relação ao trabalho, conforme explica Max Weber em seu clássico *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. (...) Contudo, a ética dos hackers é, acima de tudo, um desafio

para nossa sociedade e para nossa existência. Além da ética do trabalho, o segundo aspecto é a ética do dinheiro – um aspecto definido por Weber como outro componente da ética protestante. É certo que o compartilhamento das informações mencionado na definição da ética dos hackers não é a forma predominante pela qual se faz dinheiro. Ao contrário, as pessoas ganham dinheiro, na maior parte dos casos, quando detêm a informação. (HIMANEN, 2001, p. 223)

Continuando nessa linha de raciocínio, Himanen define o mundo *hacker* e suas motivações pelo desejo de construir algo para a comunidade. Algo que seja valoroso. A reputação aparece aqui como uma forma de 'remuneração'. Mas ninguém vive de reputação.

Os *hackers* surgiram no ambiente universitário. Com as contas balanceadas é fácil, muito fácil, romper com as estruturas impostas pelo capitalismo. Richard Stallman<sup>19</sup> pode, por exemplo, pôde priorizar o desenvolvimento de um *driver* para a impressora e quebrar com os modelos da indústria de software. No Brasil, entretanto, ele morreria de fome.

Portanto, a originalidade das conversações que acontecem no hemisfério sul devem ser analisadas por outro viés. Ser hacker é uma forma de sobrevivência. Essa análise se descola da cibercultura e entra nas relações que acontecem na sociedade brasileira. A colaboração é uma estratégia de sobrevivência nas periferias. Mas não é preciso nos alongarmos na questão das perversidades das classes dominantes; já que podemos focar na forma como os brasileiros descobrem o atalho para o futuro.

É lógico que o debate na sociedade virtual está osmoticamente invadindo a sociedade estabelecida. Alguns princípios do ser humano estão sendo transformados. O novo bom senso aceita a revolução digital como propulsora de uma nova ordem. Aceita a anarquia como uma forma viável de contra balançar os poderes: aceita que o conhecimento deva ser livre, e portanto aceita o direito que as pessoas comuns têm de compartilhar esse conhecimento. Diante dessa realidade,

---

19. Fundador do movimento free software, do projeto GNU, e da Free Software Foundation(FSF) ("Fundação para o Software Livre"). Disponível em:< [http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard\\_Matthew\\_Stallman](http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Matthew_Stallman)> Acesso em: 26 jul. 2007.

as empresas e o governo se tornam muito mais frágeis. Não se trata de acreditar que haveria um “muro de Berlin” que dividisse a sociedade em castas de opressores e oprimidos, de poderosos e fracos, de produtores e consumidores. Nesse caso teríamos de acreditar numa sociedade maniqueísta, que julgasse sempre o bem e o mal. É nesse contexto que a multidão hiperconectada vem promover a ruptura da ética protestante, que ajudou a evolução da sociedade industrial. Pois, na era do conhecimento, esses valores devem ser sobrepujados por uma outra ética. Esta é a Ética Hacker , uma proposta da sociedade da informação que está sendo adotada pelo movimento do *software* livre.

Para entender esta ruptura dos paradigmas, temos que pensar e participar. Um novo sistema está nascendo. Esqueça o velho comando e controle. Está surgindo uma consciência inequívoca de que a construção de baixo para cima tem muito a oferecer em prol do desenvolvimento do processo coletivo. Uma sociedade que sobrevive e se recria em sua própria diversidade.

E, assim, tudo muda. Crianças aprendem a colaborar, a desenvolver projetos on-line e a espelhar os sonhos no ambiente Web. O mundo virtual não é diferente do nosso bom e querido mundo presencial. A Internet está ensinando os usuários a se inter-relacionarem nesse espaço virtual onde não existe segredo, mas apenas boa vontade e obstinação.

Criar para a sociedade. Fazer acontecer independentemente do retorno financeiro a curto prazo. É esta a grande novidade. A metodologia de trabalho é simples e virtual. Qualquer pessoa com um computador conectado na rede e com um pouco de conhecimento tem a possibilidade de participar voluntariamente de alguns projetos importantes. E sem dúvida é a melhor opção.

Richard Barbrook (2000, p. 8) diz que no fim do século 20, o anarco- comunismo não está mais confinado entre em os intelectuais de vanguarda. O que antes fôra revolucionário agora é banal. Ele diz que as pessoas participam dessa *hi-tech gift economy*, ou seja, uma economia onde os bens estão disponíveis tão abundantemente que são fluem livremente. Uma economia que, de certa forma, rege a prática do conhecimento livre. Para muitas pessoas a *gift economy* é

simplesmente o melhor método de colaboração no espaço cibernético. Nessa economia mista da Rede, o anarco-comunismo se tornou uma realidade do cotidiano.

Colaboração é a palavra do século XXI. Linus Torvalds causou um alvoroço enorme ao liberar o código numa lista de debates. Colaboração como capital social. Colaboração para fazer qualquer coisa que o desejo provoque. Colaboração como condição de sobrevivência.

Eric Raymond (op. cit.) diz que o *Cluetrain* está para o Marketing e para as Comunicações assim como o movimento dos Códigos Abertos está para o desenvolvimento de Software - anárquico, bagunçado, rude e infinitamente mais poderoso do que estas besteiras que se transformaram em sabedoria convencional.

Os mercados são conversações e quem não estiver envolvido nestas conversações está fora do contexto comunicacional. A conversação on-line está gerando novas formas de encarar os problemas. Criando novas perspectivas, novas ferramentas, e um novo tipo de incentivo intelectual. O resultado é um ganho incomensurável na habilidade de aprender e ensinar, refletida na capacidade de brincar com seriedade.

A Internet abre as portas para o inter-relacionamento entre pessoas e empresas. Modificando a estrutura de poder, antes na mão das corporações, e agora, resgatada pelos consumidores.

Existem muitas Internets. Uma pequena porção da Internet que se descola da lógica da *mass media*, constituindo um ambiente de compartilhamento de informações e catalisação do conhecimento. Nesse sentido, percebemos que uma poderosa conversação global começou. Através da Internet, pessoas estão descobrindo e inventando novas maneiras de compartilhar rapidamente conhecimento relevante.

Como resultado direto, mercados estão ficando mais espertos. Conforme Weinberger (2004) “os blogs são uma prova inesperada da idéia central do *Cluetrain* isto é, que pessoas estão na internet porque ela permite que cada um expresse sua voz”. Reinghold (2003) diz: “os blogs são os novos pilares da democracia, locais para discussão e debate essenciais para que a democracia participante funcione”.

## 5. As Zonas de Colaboração

Uma cultura de rede traz a reboque uma nova forma de organização descentralizada, tanto do ponto de vista da organização *per se* como da comunicação mediada pela tecnologia hiperconectada. Essa cultura de rede se expande rapidamente. Pessoas comuns se apropriam dessas tecnologias e reverberam em suas comunidades aquilo que aprenderam. A replicação é a forma pela qual as pessoas se valem para aprender e ensinar nesse novo paradigma informacional.

As tecnologias da informação e comunicação são o cenário lógico para a expansão das zonas de colaboração como um meio de produção. No contexto da formação de uma nova geração de comunicadores que, ao contrário das anteriores, se constitui de forma independente dos grandes meios de comunicação e tem nas ferramentas de edição na Internet, os blogs, seu meio de criação, difusão e troca de informação e conhecimento.

O que é colaboração? Essa é uma pergunta que fica sem resposta. Urge tentar discorrer sobre o assunto sem tocar na definição. Falar do que nos move. Não daquilo que é. Da relação entre as pessoas e não da coisa em si. Participamos da vida social. A colaboração como princípio de sobrevivência, como essência inerente do próprio ser humano. Um ser gregário, social, incapaz de viver sozinho. Daí a impossibilidade de se dissociar colaboração e interação das pessoas, de grupos, em torno de algo comum.

Colaboração não tem um significado estanque, pois acontece na ação. Pressupõe generosidade, que é limitada, parcial. Inconstante que é, supera diversidades, une e aproxima os diferentes. É fraterna, levando as ações a acontecerem não obrigatoriamente quando há necessidade. É uma lógica que não se mantém no cotidiano. Apresenta uma dinâmica caótica da relação do ser em comunidade.

Do ponto de vista de uma sociedade em rede, a produção cultural está sendo catalisada pela colaboração. Pessoas têm muito mais possibilidades de

experimentação e realização de projetos. O próprio conceito do *software* livre corrobora com a idéia da colaboração. Foi no início dos anos 90, que Linus Torvalds, influenciado pelas idéias de Stallman, disponibilizou os códigos na rede. Essa história tornou-se conhecida. O Linux explodiu na rede da moçada e extrapolou limites geográficos. Milhares de programadores colaboram frequentemente com o *software*. Outros muitos milhares cooperam com outras comunidades.

Da mesma forma que buscamos um modelo de desenvolvimento de *software*, alavancamos os aspectos de colaboração, de liberdade, de apropriação e replicação para a área do conhecimento. Surge, assim, uma comunidade de pessoas em rede que comungam por uma ética e uma cultura próprias, baseadas no compartilhamento do conhecimento e na ausência de hierarquias - verticalização dos processos. Essa comunidade clama por liberdade, por meio das iniciativas de produção de conhecimento em rede. Aliás, a sacada do Linus foi usar a internet para compartilhar o desenvolvimento de uma idéia. Não é à toa que o Linux aconteceu na mesma época da Internet. Emerge um modelo de produção colaborativa em rede.

A rede é catalisada pela Internet. É assíncrona; o tempo não para. O tempo flui numa complexidade caótica. O caos assusta também. Porque nos faz pensar, deixando-nos fragilizados frente à falta de controle que temos ou não das 'coisas'. Esse tempo assíncrono é uma ruptura. Assim como o ser que se redescobre esquizofrênico; assim como o espaço informacional que desconhece barreiras de ir e vir; assim como o conhecimento que se dobra, e liberta-se. O crescimento dessa rede é rizomático, distribuído e veloz. Não é organizado. Mas quem disse que seria organizado? O conhecimento é recombinante. Um dispositivo que se dá no remix. Tudo se transforma, nada se cria. A recombinação se dá na colaboração.

Um dispositivo que dá visibilidade da articulação em rede para a transformação social. De certa forma, com a cultura hacker a produção tende ao infinitesimal (in)finito. O inteiro que contempla toda a multiplicidade. Colaboração aponta para uma teoria social que contenha o princípio da continuidade. A continuidade da ação comum. Um processo recursivo onde duas ou mais pessoas ou organização trabalhem juntas para uma interação de objetivos comuns. Projetos como o desenvolvimento de softwares livres estão apoiados no fenômeno da emergência

das Zonas de Colaboração. Na afirmação que os espaços informacionais contemplam comunidades, softwares sociais, ferramentas de conversação e comunicação. Esses espaços são ocupados por uma conversação assíncrona que emerge na rede ao ponto de provocar rupturas na cultura de massa.

A colaboração é a novidade da sociedade da informação. Linus Torvalds causou um alvoroço enorme ao liberar o código de seu programa numa lista de debates. A frase *Release early and release often* passou a redesenhar um modelo de produção.

Com as tecnologias da comunicação e da interação, as redes passam a facilitar a convivência à distância em tempo real. Provocam e potencializam a conversação. Recondzem a comunicação para uma lógica de sistemas organizacionais capazes de reunir sujeitos e instituições de forma descentralizada e participativa. Reorientam fluxos criativos e abrem novas possibilidades de circulação da riqueza.

A tecnologia se distende e possibilita incrementar a inteligência das pessoas. A revolução das tecnologias da informação atua remodelando as bases materiais da sociedade e induzindo a emergência de agenciamentos colaborativos como base de sustentação social. Não podemos atribuir tais mudanças apenas à tecnologia. A internet torna possível o florescimento de novos movimentos sociais e culturais em rede. Possibilita organizar a sociedade civil em novas formas de gestão e retornar às redes humanas depois de um longo período de domínio das redes de máquinas e da burocracia. No limite da ruptura dos paradigmas, a colaboração aparece como um potencializador das energias produtivas. A sociedade está se tornando mais aberta e de uma forma ampla, mais colaborativa.

Tais trocas tem se tornado fonte de inovação e criatividade e exigido mudanças nas leis de *copyright* estabelecidas no início do sec. XX para dar lugar a formas alternativas de *copylefts* que permitam o uso inteligente da cultura em prol de uma disseminação do conhecimento. Discussões em torno do assunto emergem da necessidade de novas regras de acordo com Lessig (2008, p. 30) que busquem responder a questões como: “o que significa para a sociedade quando toda uma geração cresce sendo considerada criminosa por seus hábitos de troca de conhecimentos?” Que soluções podemos dar a essa geração para que ela não seja

considerada criminosa de acordo com práticas e leis que defendiam a indústria e a produção cultural.

Artistas e autores precisam de incentivo para criar. Nós podemos criar um sistema que faz exatamente isso sem fazer com que nossas crianças se transformem em criminosas. A última década está repleta de trabalhos extraordinários feitos por alguns dos melhores acadêmicos da América nos quais realizam o mapeamento e o esboço de formas alternativas para o sistema de copyright existente. Tais alternativas deveriam ter como meta as mesmas finalidades que o copyright segue, sem tornar criminosos aqueles que naturalmente fazem o que as novas tecnologias os encorajam a fazer. (LESSIG, 2008, p. xix).

Pensar aspectos alternativos para uma prática de apropriação da tecnologia social que já se tornou comum, tal como o remix, é considerar que a vida esta mudando. Vivemos em um *gap* geracional que emerge do uso das tecnologias da informação, entretanto é possível perceber que se trata de uma mudança sem volta como apontam algumas pesquisas que tratam de juventude, novas mídias e aprendizagem. Aspectos de ruptura com o cotidiano espacial e temporal, principalmente com as condições geográficas em que se vive e novas construções culturais a partir do compartilhamento em rede são característica da geração *always on*. Danah Boyd (2008, p. 146) em *Taken Out Of Context*, pesquisa realizada com adolescentes americanos, traça o perfil e o comportamento da geração que troca conhecimento nas redes sociais. A autora relata que o hábito de utilizar redes sociais<sup>5</sup> e tornar a vida pública, se expor e “conhecer os amigos dos amigos”, traz consigo a potência de uma maior democratização da realidade social. Não importa o conteúdo da conversa dessa nova geração, o diferencial é que estão conectados o tempo todo conversando e trocando idéias. Por meio dessa intensa conversação é que se encontram expostos a possibilidades de intervenções na realidade social. Dessa condição primordial que os nativos digitais desfrutam, bem ou mal, ocupam um espaço que antes era reservado apenas aos grandes veículos de comunicação.

Essa questão implica em uma ética que é permeada pela relação. Se pensarmos nos processos educativos estabelecidos pela escola que ainda defendem a containerização do conhecimento e formas denominadas - “certas” - ou - “erradas” -

de aprender, desprezaremos a atual sociedade que aprende por meio das novas mídias. Em recente pesquisa de ITO et. al. (2008) intitulada *Living and Learning with new media* relata que os jovens estão cada vez mais autônomos em sua aprendizagem apesar de frequentarem a escola normalmente. Essa liberdade de aprender e acessar qualquer tipo de conteúdo disponibilizado na rede é que faz a diferença na produção da nova geração. Liberdade em relação ao acesso à organização do conteúdo segundo critérios de relevância e valores atribuídos pelos usuários (tais como as *folksonomias*) aos conteúdos e às demais opiniões de outros usuários que são compartilhados através de sistemas como o *del.icio.us*, *Digg*, *Bloglines* e outros agregadores de informações são sinais de uma geração que não fica em silêncio, mas que ocupa espaços de maneira mais livre e independente da opinião formada pelos grandes veículos de comunicação.

### **5.1 As redes são por demais reais**

Redes sempre tiveram o poder de produção de subjetividade e pensamento. A sociedade, o capital, o mercado, o trabalho, a arte, a guerra são hoje, definidos em termos de rede. “O fato de que pensar é pensar em rede”. (PARENTE, 2008, p. 106).

Para Deleuze (1985, p. 124) pensar é experimentar, é problematizar. O saber, o poder e o si são a tripla raiz de uma problematização do pensamento. E, primeiramente, considerando-se o saber como problema, pensar é ver e é falar, mas pensar se faz no entremeio, no interstício ou na disjunção do ver e do falar. É, a cada vez, inventar o entrelaçamento, lançar uma flecha de um contra o alvo do outro, fazer brilhar um clarão de luz nas palavras, fazer ouvir um grito nas coisas visíveis. Pensar é fazer com que o ver atinja seu limite próprio, e o falar atinja o seu, de tal forma que os dois estejam no limite comum que os relaciona um ao outro separando-os.

Heidegger (1968, p. 35) pergunta: “O que é pensar?” E, responde: “Nós nunca chegamos aos pensamentos eles vêm a nós”. É a hora conveniente para a

conversação. Isto nos dispõe para a meditação em comum, esta nem considera o opinar contraditório, nem tolera o concordar condescendente. O pensar permanece firme ao vento da coisa. De uma tal maneira convivência talvez alguns surjam como companheiros no ofício do pensar. A fim de que inesperadamente um deles se torne mestre. Pensar em rede não é apenas pensar na rede, que ainda remete à idéia de social ou a idéia de sistema, sobretudo pensar a comunicação como lugar da inovação e do acontecimento, daquilo que escapa ao pensamento da representação.

A rede apresenta dois lados, um voltado para a construção de modelos que constituem como totalidades das relações imanentes e outro para a singularidade e paisagens irreduzíveis. Segundo Parente (2008) de fato, máquinas infocomunicacionais estariam engendrando profundas transformações nos dispositivos de produção das subjetividades. Vivemos um tempo de mudanças. A relação é paradoxal. A mistura, a miscigenação cultural resulta num processo de enriquecimento e empobrecimento, singularização e massificação, desterritorialização e reterritorialização, potencialização e despotencialização da subjetividade em todas as dimensões.

## **5.2 Tecnologia maquínica**

Guattari (2006, p. 50) em *Caosmose*, denomina maquínico o estrato de sentido formado por matérias expressivas heterogêneas, não linguisticamente formadas, mas ainda assim de natureza semiótica. Substâncias de expressão heterogêneas como as codificações biológicas ou as formas de organização própria ao *socius* - como aquelas derivadas de instituições como a família ou a escola - atravessam, transversalmente, os domínios de sentido propriamente linguísticos.

Para Guattari, a informática e a tecnociência não são nada mais do que formas hiperdesenvolvidas da própria subjetividade. Aqui entram fatores subjetivos das atualidades históricas (componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, educação, esporte, cultura, meio-ambiente, arte e religião,) o desenvolvimento em escala das produções maquínicas de subjetividade (elementos

fabricados pela indústria das mídias, cinema, máquinas linguísticas etc. e, por último, os aspectos etológicos e ecológicos relativos à subjetividade humana, a ecologia social e a ecologia mental. E, são trabalhados por agenciamentos coletivos de enunciação.

De acordo com Deleuze (1994) uma máquina que não fosse investida de desejo e alimentada de subjetividade seria um corpo sem vida. Todo corpo tem sua artificialidade e toda máquina tem sua virtualidade. A tecnologia é, portanto, a prótese. É o corpo sem órgãos que, para Deleuze, é como o mecânico supõe uma máquina social. O próprio organismo supõe um corpo sem órgãos definido por suas linhas, seus eixos e seus gradientes. Todo um funcionamento maquínico distinto das funções orgânicas sociais tanto quanto das relações mecânicas.

Nesse contexto, podemos perceber que é a primeira vez na história da humanidade que a realidade do aqui e agora se encontra imersa nas tramas de uma temporalidade maquínica. A tecnologia como fato cultural multitemporal. Heidegger (1997, p. 125) diz que a do tempo só se tornava plenamente visível, quando o tempo sem fim se explicitava, em contraposição a algo. Vivemos, então, nesta contraposição. E assim, percebemos a desconteneirização não só do tempo, mas do espaço, do ser e do conhecimento. Serres (apud. Parente op. cit.) diz que o tempo multitemporal passa e não passa: ele percola. Para Serres, o tempo funciona como um filtro, que ora faz passar, ora impede a passagem. É desta forma que as tecnologias remetem ao duplo movimento de aceleração e desaceleração, inovação e tradição, desterritorialização e territorialização. A contemporaneidade se caracteriza cada vez mais pela edição ou a forma como as partes do sistema são montadas ou articuladas. Esta é a cultura do *remix*.

E, nessa cultura remixada, misturada e miscigenada, uma cultura que se desenvolve em rede exige o reconhecimento por parte da consciência. A partir de então, a filosofia ficou diferente, não pôde mais ignorar o estar-com-os-outros; não se pode ignorar as relações em rede.

São diferentes os percursos para cada indivíduo. Diferentes, portanto, a forma como cada um pode perceber onde vive, como vive e escolher o que fazem com seu

tempo. Se somarmos todos os percursos, teremos reconstituído uma pluralidade de mundos dentro de um mesmo e único mundo.

### **5.3 Produção de Subjetividade**

A subjetividade é como a cognição, o advento, a emergência de um afeto e de um mundo a partir de suas ações no mundo. É a realidade psíquica, emocional e cognitiva do ser humano, passível de manifestar-se simultaneamente nos âmbitos individual e no coletivo, e comprometida com a apropriação intelectual dos objetos externos. O campo conceitual de subjetivação surge no trabalho de Foucault e é retomado por Deleuze e Guattari. A subjetividade é engendrada, produzida, pelas redes e campos de força social.

Um dos conceitos de subjetividade nos é dado, “ainda que provisoriamente”, por Guattari (2006), ao dizer que:

Por subjetividade entendemos um conjunto de condições que torna possível que instâncias individuantes e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial em adjacência ou em relação com uma alteridade ela mesma subjetiva. (GUATTARI, 2006, p.19).

A subjetividade, de fato é plural, polifônica, para retomar uma expressão de Mikhail Bakhtin, que Deleuze cita em várias partes de sua obra. O que importa não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão. É a constituição de complexos de subjetivação - indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas - que oferecem às pessoas possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e de, alguma forma, se ressingularizar.

Desta perspectiva, século XXI exige, portanto, modificações estruturais no poder para atender à nascente sociedade informacional. É nesse cenário que as redes sociais adquirem importância, pois em seu elemento constitutivo trazem uma nova possibilidade organizacional, logo, estrutural dos fluxos de conversação e da forma como o poder é exercido a partir dos relacionamentos nas redes.

Deleuze (1981) em *Le cours de Guilles Deleuze sur Spinoza*<sup>6</sup> diz que uma única substância possuindo todos os atributos e cujos produtos são os modos, as maneiras de ser. Desde então, se eles são as maneiras de ser da substância que possui todos os atributos, esses modos existem nos atributos da substância. Eles estão compreendidos nos atributos. Tarde (2007) faz uma aproximação de Leibniz e Espinosa. Ele faz um link entre a idéia de mônadas e substância em Espinosa. No entanto, Deleuze ao falar dos atributos da substância, de certa forma, aponta para as diversas qualidades ou à multiplicidade. Logo, isso me faz pensar nos modos que essas substâncias se relacionam. O afeto, ou melhor, aquilo que nos afeta é um conceito de Espinosa. Somos afetados por boas ou más relações, logo, temos diferentes composições com os ambientes e com pessoas na medida que somos afetados de diferentes modos. Sobre o agenciamento a partir dos afetos, Vargas menciona no prefácio de *Monadologia e sociologia* (TARDE, 2007, p. 37-38).

Enfim, se as mônadas são meios universais é porque não há agência sem outrem, não há existência fora da relação, não há relação sem diferença. Logo, se a sociedade é a posseção recíproca de todos por cada um é porque os processos de composição social não se realizam independentemente das micropolíticas da posseção que os constituem enquanto tais e que, portanto, lhes são imanentes. (TARDE, 2007, p. 37-38).

Na construção de um espaço comum para a produção, a Web - cujos movimentos somos responsáveis através dos interesses compartilhados - tem transformado o mundo. Falar on-line é publicar e publicar on-line é estar conectado (SHIRKY, 2008, p. 171). Esse discurso conectado pode alcançar um público amplo e por meio dele a inovação e o poder. Falar na Internet é também sobreviver.

A rede sociotécnica de grande complexidade é composta da riqueza dos nossos sentidos e faculdades, como também dos objetos, suportes, dispositivos e tecnologias. O importante é pensar não na tecnologia em si, como prótese ou extensão, mas como um processo contínuo de delegação e distribuição das atividades cognitivas que formam uma rede com os diversos dispositivos não humanos. Em outras palavras, uma rede de aprendizado, de circulação da informação.

A informação permite resolver de forma prática - por meio de operações de seleção, de extração, de redução e de inscrição - o problema da presença e da ausência em um lugar. A informação estabelece uma interação material entre o centro e a periferia. Como qualquer um pode interagir com a informação da maneira que quiser a partir da sua ponta, sites de busca competem entre si, o que significa escolha para os usuários e inovações constantes. Não é necessário pedir permissão para estabelecer essa interação. Se você tem uma idéia, basta executá-la. E toda vez que você faz isso, o valor da Internet (rede) aumenta. Todo o valor da Internet cresce na sua periferia.

A circulação da informação estabelece uma *zona de comunidade*, isto é, a descoberta daquilo que há nos outros corpos e convém ao nosso. Aquilo que nos afeta. Que nos é relevante. Este é o primeiro patamar de uma relação consistente. Para Teixeira (2006), por mais raro que tenha se tornado, naturalmente este ainda é o patamar mais fácil de alcançarmos e aquele que, talvez, nos dará a força necessária para conhecer o que é mais difícil: aquilo que nos outros é diferente e corresponde a sua *zona de singularidade*. Porque é preciso uma potência ainda maior para se reconhecer, nos outros corpos, aquilo que não nos convém.

O fato de estar trilhando caminhos obscuros, seguindo pelas bifurcações da vida nos faz um experimentadores em diferentes sentidos. "(...) eu sentia que o mundo é um labirinto, do qual era impossível fugir, pois todos os caminhos, ainda que fingissem ir ao norte ou ao sul, iam realmente a Roma" (BORGES 1998, p. 564). Eis um paradoxo!

#### **5.4 O infinito do mundo inteiro**

A sociedade sempre funcionou em rede. Os seres humanos vêm se organizando em redes colaborativas desde o começo dos tempos. Há muito que tal tipo de organização permite que sejamos capazes de transformar o mundo ao nosso redor, criando conhecimento e cultura de maneira coletiva. Não há sociedade, se não

houver redes com conexões por um algum fator que combine anseios, interesses e desejos das pessoas.

Algumas idéias podem ajudar a montar um cenário filosófico que possibilite a compreensão de uma sociedade que está na Web. Não importa a maneira como nomeamos essa sociedade, pois, um único substantivo não compõe as múltiplas realidades desta experiência. Informação, colaboração, conexão, atenção ou conhecimento apenas complementam, em parte, a sociedade que vivemos.

Gabriel Tarde nos apresenta uma visão da sociedade que denominou “sociologia da conversação”. Nessa análise ele trata da diferenciação entre o público e a multidão por meio do movimento social. A multidão que se articula motivada por crenças e desejos através dos quais as pessoas são capazes de se imitarem e continuamente irem propagando suas idéias está permeada por públicos, formações conversacionais que emergem da influência dos meios de comunicação. Os meios são capazes de criar espaços para o compartilhamento de um comum que é vivenciado por públicos diversos. (TARDE, 2005, p. 113). Por espaços de compartilhamento ou conversação o autor refere-se a todo o tipo de conversa cotidiana, cuja importância ou papel político não é, de maneira alguma, menor que seu papel linguístico. Segundo o autor, na origem da evolução das conversações está o movimento do poder e as capacidades de intervir na realidade. É da conversação do público que advém todo o movimento de inovação.

A idéia de mônadas<sup>20</sup>, baseada na filosofia de Leibniz, é outra metáfora instigante da diversidade em Gabriel Tarde (2007, p. 75). As mônadas são apresentadas como as partículas elementares, as substâncias simples de que os compostos são feitos. Elas são, portanto, diferenciadas (dotadas de qualidades que as singularizam umas em relação às outras) e diferenciantes (animadas por uma potência imanente de mudança contínua ou de diferenciação). Além disso, ou por isso mesmo, elas dizem respeito às nuances do infinitamente pequeno, do infinitesimal que constitui toda e qualquer diferença.

---

<sup>20</sup> A palavra mônada foi criada na época da Renascença por Giordano Bruno (1548-1600) para referir-se aos elementos das coisas. Em Leibniz (1646-1716) as mônadas passaram a ter um lugar definido na história da filosofia significando uma "substância simples" ou elementos das coisas. (LEIBNIZ - 1714/1991 p.123-125).

(...) se as mônadas são meios universais é porque não há agência sem outrem, não há existência fora da relação, não há relação sem diferença. Logo, se a sociedade é a posseção recíproca de todos por cada um é porque os processos de composição social não se realizam independentemente das micropolíticas da posseção que os constituem enquanto tais e que, portanto, lhes são iminentes. (...) uma teoria social que coloque em suspensão (...) a antinomia entre o contínuo uniforme e o descontínuo pontual ou, mais precisamente, que pense as entidades finitas como casos particulares de processos infinitos (...) (TARDE, 2007, p. 37)

A hipótese das mônadas implica, portanto, a afirmação da diferença como fundamento da existência e, conseqüentemente, a renúncia ao dualismo cartesiano entre matéria e espírito e àqueles que lhe são correlatos – particularmente o dualismo natureza/sociedade tão caro a Durkheim e a todos os pensadores do período da modernidade que procuravam separar os polos. A variação e o movimento da sociedade expressos em Gabriel Tarde têm por motivo a expressão de crenças e desejos pelos *sujeitos*. É pela expressão de subjetividade que se constrói o social, pelo choque e pela negociação de desejos.

Tarde substitui a sociedade pelos sujeitos como quem troca o todo pelas partes. Ele propõe é substituir o grande pelo pequeno, as totalidades e as unidades pelas multidões. Ou, se ação é a essência da mônada é porque cada mônada já é multidão. Claudio Upiano (op. cit) diz sobre Leibniz: "a mônada é um espelho do universo; como um espelho, que ao ser apontado para um objeto, o reflete e o reproduz." Mais do que isso: a mônada é finita, aquela que tem limites, contém dentro de si o infinito do mundo inteiro. Por sua vez, no que diz respeito ao universo microsociológico, Gabriel Tarde esboçou em sua teoria social aspectos abrangentes capazes, na verdade, de lidar com o caos e a complexidade social. "Para Gabriel Tarde existir é diferir, é a posseção que nos leva de uma existência a outra, de uma diferença a outra", analisa Latour (2000). A concepção da sociedade como um movimento é o grande diferencial da teoria de Tarde.

Creio que vivemos numa sociedade do 'infinito do mundo inteiro'. Um espaço informacional que tende a crescer ao infinito. Teoricamente, não existe limite para o

crescimento do fluxo de informação na Web. Mas essa informação cresce numa lógica de rede distribuída. Em 2007, David de Ugarte em *El poder de las redes* define uma rede distribuída por sua capacidade de continuar existindo mesmo que alguns nós sejam eliminados. O autor analisa essa afirmação em termos políticos, energéticos, culturais, etc.: “O que temos de ter em mente é que a fórmula da rede social que liberta e se desenvolve de forma equilibrada é naturalmente distribuída”.

De acordo com Leibniz, a lógica da mônada contempla o conceito de multiplicidade. As mônadas são entes porque têm qualidades. Isenta de qualidade uma mônada seria indistinguível de outra, pois não diferem em quantidade. Contudo, a diversidade de qualidade nas mônadas implica a multiplicidade de formas das coisas que compõem o mundo e faz a mônada ser uma estrutura que pode ser compreendida como uma multiplicidade contida na unidade.

### **5.5 O monstro revolucionário**

Deleuze e Guattari (1995) dizem: "A saber: aumentar sua potência é precisamente compor relações tais que a coisa e eu, que compomos relações, só somos duas sub-individualidades de um novo indivíduo formidável". A concepção de multidão deve ser compreendida não como simples reunião de muitas individualidades. A multidão é um monstro revolucionário das singularidades não representáveis; parte da idéia de que qualquer corpo já é uma multidão e, por conseguinte, a expressão e a cooperação. A multidão é ela própria, uma individualidade, com sua própria potência, maior e diversa que a potência de cada corpo que entra em sua composição.

De qualquer forma, a informação está sendo produzida, distribuída, modificada ou remixada numa velocidade estonteante, cuja natureza semiológica se constitui em um fenômeno novo que altera os processos sociais de construção de significados. Recursos informacionais passam a essenciais, deixando de ser simples artifício de transmissão de conteúdos para se tornarem *dispositivos* produtores de sentidos, configuradores de uma nova ecologia cognitiva, simbólica e digital.

Habermas (1997) aposta na autonomia potencial dos agentes e falantes sociais perante esse quadro, a partir das pretensões veiculadas de validade criticáveis. Nesses termos, ele acredita que o movimento histórico, por meio de revoluções sociais, seria uma prova de relativização do poder vigente nesse âmbito. A citação que segue é bastante esclarecedora em relação a esse ponto:

Os *mass media* são capazes, simultaneamente, de hierarquizar, encolher e condensar os processos de comunicação, mas é somente em primeira instância que eles são suscetíveis de descarregar as interações de tomadas de posição afirmativas e negativas a pretensões de validade criticáveis; até mesmo as comunicações submetidas à abstração e condensadas não poderiam ser postas ao abrigo em toda a quietude contra as possíveis contradições de atores responsáveis. (HABERMAS, 1997, p. 430).

No caso da Teoria da Ação Comunicativa, Habermas (1987) vê os meios de comunicação se desenvolverem em termos de formas generalizadas de comunicação, de modo que tais formas passem a ser regidas por meios de controle sistêmico, como o poder e o dinheiro. Percebe-se aqui uma proposição da comunicação comprometida em termos de sua dimensão simbólica, malgrado a autonomia dos indivíduos, com os meios de comunicação generalizados.

A hipótese do autor para esta questão é a de que a rede se difunde tão rapidamente porque estabelece uma metáfora de totalidade, tendo em seu interior uma replicação das instituições sociais. Seria, então, através da eficácia de suas "analogias com o mundo" que a rede se expandiria.

Esta proposição é interessante, porque traz à tona uma possibilidade de interpretação do fascínio exercido pela versão "*mass-media*" do ciberespaço, a Web. A cibercultura é um campo privilegiado para o estudo das relações entre mídia/usuário, ao estabelecer uma nova relação dos sujeitos com a tecnologia e com um meio cujo nível de interatividade é, até então, inédito.

Análises dessa natureza são enumeradas no inventário das problemáticas antropológicas relacionadas à cibercultura proposto por Arturo Escobar:

Como as pessoas relatam seus "techno-worlds" (máquinas, corpos e natureza reinventados)? Se estão situadas

diversamente em espaços tecnológicos variáveis (de acordo com etnia, sexo, classe social, localização geográfica, "capacidade psicológica"), como as experiências de tais pessoas sobre esses espaços se diferem? (ESCOBAR, 1994, p. 217)

Segundo Manuel Castells (1999) existe uma transformação tecnológica e administrativa do trabalho e das relações produtivas dentro e em torno da "empresa emergente em rede" e que esse é o principal instrumento por meio do qual o "paradigma informacional e o processo de globalização afetam a sociedade em geral (...) em estágio avançado de transição à sociedade informacional e, portanto podem ser usados para a observação do surgimento dos novos modelos de mercado" e de trabalho.

Assim, já é possível detectar nas sociedades mais avançadas a presença de novas figuras sociais, como os "digitais", como afirma Domenico DeMasi (2000) para quem o trabalho eventual só faz sentido se recheado de criatividade, se marcado pela ética e pela estética e se permitir que o ócio seja parte integrante dele, não com um sentido pejorativo, mas como momento de refluxo, de repouso, de lazer, que, aliado ao estudo não despreza jamais o desejo e o prazer.

Entre outras reflexões teóricas, essa pesquisa está baseada em aspectos conceituais que caracterizam a cultura contemporânea, entre os quais as noções de ecletismo, multiculturalismo, globalização, standartização e, principalmente, hibridismo, mestiçagem e "remix" ou aquilo que chamamos ética hacker. Desta forma, podemos compreender a proposição de inteligência coletiva de Pierre Lévy (2003). Espaços vazios na rede, intervalos entre processos de construção e desconstrução são espaços do saber que, segundo Lévy (2003, p. 202) o intelectual coletivo pode ocupar "desdobrando-se em um plano de imanência infinito, sem apropriação, sem inércia, é próprio dele deixar coexistir, acolher o ser em sua diversidade."

Rogério da Costa (2004) analisa a generosidade a partir do pensamento de David Hume de que nossa generosidade é limitada por natureza. O que nos é natural é uma generosidade limitada. O homem seria, então, muito menos egoísta do que parcial. A verdade é que o homem é sempre o homem de um clã, de uma

comunidade. Sendo assim, a essência do interesse particular não é o egoísmo, mas a parcialidade. Com efeito, os egoísmos apenas se limitariam.

(...) a capacidade de interação dos indivíduos, seu potencial para interagir com os que estão à sua volta, com seus parentes, amigos, colegas de trabalho, mas também com os novos vizinhos, com alguém novo no bairro ou no trabalho etc. Quanto mais um indivíduo interage com outros, mais ele está apto a reconhecer comportamentos, intenções, valores, competências e conhecimentos que compõem seu meio. Inversamente, quanto menos alguém interage (ou interage apenas num meio restrito), menos tenderá a desenvolver plenamente essa habilidade fundamental que é a percepção do outro.(...) Ora, um dos aspectos essenciais para a consolidação de projetos coletivos, projetos que necessitam do engajamento de muitos em ações específicas é, sem dúvida, o sentimento de confiança mútua que precisa existir em maior ou menor escala entre as pessoas. A construção dessa confiança está diretamente relacionada com a capacidade que cada um teria de entrar em relação com os outros, de perceber o outro e incluí-lo em seu universo de referência. (COSTA, 2004).

Essa generosidade limitada está impregnada nos mutirões. No efeito puxadinho colaborativo. É só chegar para ajudar o ser humano a ser mais feliz. Uma mobilização que vai além da boa ação. É cotidiana e despreziosa.

## 5.6 A multidão de comuns

Espinosa, citado por Claudio Ulpiano, em vídeo disponível no *YouTube* acerca de uma análise de pensamento e liberdade, inspira a idéia de que o homem só está em liberdade quando está no processo de inovação. Nesse momento, o homem não é subalterno; logo, é livre.

O homem livre é, pois, levado por uma tão grande força de alma a fugir oportunamente, como a combater; por outros termos, o homem livre escolhe com igual força de alma, ou seja, com a mesma presença de espírito, o combate ou a fuga. (ESPINOSA, 1973, p. 273).

A audácia do movimento, da ação, é condição de liberdade do homem. Essa inspiração influenciou a filosofia de Hardt e Negri (2004, p. 155) que, ao compor uma análise das relações de produção na pós-modernidade, resgatam a teoria marxista.

Para esses autores, o aspecto central da produção imaterial é a sua relação íntima com a cooperação, a colaboração e a comunicação – em suma, sua fundamentação no comum. Ao descrever uma ruptura na unidade temporal de trabalho como medida básica de valor, apesar de o trabalho efetivamente continuar sendo a fonte essencial de valor na produção capitalista, os autores descrevem o surgimento do chamado *trabalho imaterial*, performático, baseado na comunicação e na produção do comum. Ao referirem-se ao termo “comum”, ressaltam o conteúdo filosófico da palavra deixando claro que comunicação, colaboração e cooperação não apenas se baseiam no comum, mas são capazes de produzir o comum. “Em outras palavras, o próprio trabalho, através das transformações da economia tende a criar redes de cooperação e comunicação e a funcionar dentro delas.” (HARDT, NEGRI, 2008, p. 14).

Em rede, não apenas a produção de idéias, imagens e conhecimentos é conduzida em comum. O trabalho imaterial não só é produzido por aqueles que estão lidando diretamente com os meios de comunicação, mas todo o trabalho tende a se organizar em rede, desde o camponês que busca informações sobre determinada semente até os criadores de software:

De maneira geral, a hegemonia do trabalho imaterial tende a transformar a organização da produção, das relações lineares da linha de montagem às inúmeras e indeterminadas relações das redes disseminadas. A informação, a comunicação e a cooperação tornam-se as normas da produção, transformando-se a rede em sua forma dominante de organização. (HARDT, NEGRI, 2005, p. 155-156).

Um conceito fundamental que irá opor-se ao conceito de massa, preconizando a multiplicidade de formas singulares de vida (HARDT; NEGRI, 2005, p. 172) é o conceito de “multidão”. A multidão abarca um montante de singularidades que operam em torno de um comum. É por meio da multidão que a democracia pode se estabelecer em meio à produção capitalista. No conceito de "multidão" há uma contradição implícita em oposição ao poder soberano.

Contra todos os avatares da transcendência do poder soberano (e nomeadamente o do ‘povo soberano’), o conceito de multidão é o de uma imanência: um monstro

revolucionário das singularidades não representáveis; parte da idéia de que qualquer corpo já é uma multidão, e, por conseguinte, a expressão e a cooperação. É igualmente um conceito de classe, sujeito de produção e objeto de exploração, esta definida como exploração da cooperação das singularidades, um dispositivo materialista da multidão poderá apenas partir de um tomada prioritária do corpo e a luta contra a sua exploração. (HARDT; NEGRI, 2005,p. 172).

Para os autores, a multidão tem como base o conceito marxista de classe. No entanto, esta definição entra em contradição com a própria estrutura de rede distribuída. O capitalismo, apesar de dominante, não consegue mais sustentar a lógica da acumulação e do trabalho. Seus principais alicerces, a economia, o paradigma da ética burocrática e a cultura de massas, estão em crise. Essa aponta a necessidade de uma nova ordem, uma reestruturação. Marx escreveu sua crítica em O Capital, num momento que a sociedade industrial estava aflorando, mas não se apresentava, ainda, como o paradigma dominante.

A tradição marxista clássica prescreve em relação ao capitalismo que os protagonistas da política sejam as classes sociais. Entretanto, o conceito de multidão descrito em Hardt e Negri (2005) estaria próximo ao que Deleuze e Guattari descrevem ao se oporem ao conceito de classe e de massa como formas rígidas de segmentação.

A segmentação das classes sociais é molar, estriada e separa a sociedade em grupos opostos entre si de forma rígida. As massas, ao contrário, são agrupamentos moleculares, lisos que se mesclam entre si. Nesse sentido as "massas" seriam agrupamentos hábeis, transversais, não consolidados, instáveis, extremamente móveis e nômades (MARTINEZ, 2006, p. 168)

Entretanto, mais do que perceber a razão da motivação das pessoas em projetos colaborativos é importante perceber que as relações sociais podem mobilizar mais que o dinheiro em si. A influência uns dos outros na participação colaborativa é determinante para o engajamento da multidão.

## 5.7 O comportamento rizomático

A multidão está em rede e a rede age por rizomas. O comportamento da rede é rizomático, porque está sempre se desterritorializando. Não há propriedade onde prevalece a sociedade da fatura. Esta é para nós a metáfora da rede e rizoma. O modelo é simples e virtual, ou seja, qualquer pessoa com um computador conectado à rede tem a possibilidade de participar do espaço informacional. Numa multidão hiperconectada o conhecimento livre tende a se expandir. A prática do conhecimento livre traz a reboque uma série de novos paradigmas que dialogam em tempo real com os enunciados que até agora deram sustentação filosófica à humanidade. Segundo Deleuze e Guattari (1995, p. 15):

Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. Plantas com raiz ou radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica. Até animais o são, sob sua forma matilha; ratos são rizomas. As tocas o são, com todas suas funções de hábitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura. O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha. Animal e planta, a grama é o capim-pé-de-galinha. Sentimos que não convenceremos ninguém se não enumerarmos certas características aproximativas do rizoma. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

Deleuze e Guattari contrapõem esta noção de rizoma à noção de árvore. A metáfora das ramificações arborescentes nos ajuda a entender uma espécie de programa mental. Árvores são plantadas em nossa mente: árvore da vida, árvore do saber, etc. E o poder, na sociedade, é sempre arborescente – a metáfora visualiza, comunica melhor o sentido dessa estrutura que representa a hierarquia. Mas na organização do saber, quase todas as disciplinas passam por esquemas de arborescência: a biologia, a informática, a linguística (os autômatos ou sistemas centrais). De acordo com Parente (2008, p. 25) não se trata de uma simples metáfora (no sentido linguístico), mas sim do que se pode entender a partir dessa metáfora: que existe todo um aparato que se planta no pensamento, um programa

de funcionamento para obrigá-lo a ir pelo 'bom' caminho, das idéias 'justas'. O modelo de árvore clareia a maneira de como se articulam, na comunicação social, os esquemas de poder: A contraposição "árvore" versus "rizoma" pode assim se valer da revisão crítica das estruturas de poder vigentes na sociedade.

Ao contrário, "Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas (...) A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança (...). A árvore impõe o verbo 'ser', mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37). Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas, ela não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.

Essas características das redes podem ser aplicadas aos organismos, às tecnologias, aos dispositivos, mas também à subjetividade. Somos uma rede de redes (multiplicidade), cada rede remetendo a outras redes de natureza diversa (heterogêneses), em um processo autorreferente (autopoiesis). Esse rizoma se regenera continuamente por suas interações e transformações.

## **5.8 Produção biopolítica**

Entendemos que desde a revolução de Gutenberg a humanidade não apresentou algo tão original como a Internet para o rompimento do paradigma cultural efetivado pelo modernismo. A conversa de muitos para muitos tem um alcance espetacular na relação de poder. Em Foucault (1993) tem início uma primeira análise dessa relação de poder:

Parece-me que se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que

as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais. (FOUCAULT, 1993, p. 88-89).

O poder, para Foucault (2005), provém de todas as partes, em cada relação entre um ponto e outro. Essas relações são dinâmicas, móveis, e mantêm ou destroem os esquemas de dominação. A correlação de forças imanentes é expressa na rede como zonas de colaboração cujo conceito é o espaço informacional onde as pessoas comuns estão engajadas no desenvolvimento de comunidades, de relações, nas conversações.

Cabe-nos pensar como essa problemática está sendo contemplada e como o estudo das teorias da comunicação podem desvelar o processo da formação de uma nova geração de comunicadores que, ao contrário das anteriores, se constitui de forma independente dos grandes meios de comunicação e tem nas ferramentas de edição na Internet, os blogs, seu meio de criação, difusão e troca de informação e conhecimento.

A noção de biopolítica foi forjada por Foucault para designar uma das modalidades de exercício do poder sobre a população enquanto massa global. Hardt e Negri (2005) e Maurizio Lazzarato (2004, p. 204) propõem uma pequena inversão conceitual. Para eles a biopolítica deixa de ser a perspectiva do poder sobre o corpo da população e suas condições de reprodução, sua vida. A própria noção de vida deixa de ser definida apenas em termos dos processos biológicos que afetam a população.

É preciso insistir no fato que a atividade implícita ao trabalho imaterial permanece, ela mesma, material – ela engaja nosso corpo e nosso cérebro, como em qualquer trabalho. O que é imaterial é seu produto. E, desse ponto de vista, nós admitimos que a expressão 'trabalho imaterial' é bastante ambígua. Talvez, por isso, seja preferível falar de 'trabalho biopolítico', isto é, um trabalho que cria não somente bens materiais, mas também relações e, em última instância, a própria vida social, Hardt; Negri (2000).

## 5.9 O mundo de pontas

Em *World of Ends*, David Weinberger e Doc Searls (2003) colocam que ao olharmos para um poste, vemos redes como fios. Mas a Internet é diferente. Não é fiação. Não é um sistema. E não é uma fonte de programação. A Internet é um modo que permite a todas as coisas que se chamam redes coexistir e trabalhar em conjunto. É, literalmente, uma Inter-net (inter-rede). O que faz a "net" ser "inter" é o fato de ela ser apenas um protocolo, mais precisamente, - o protocolo Internet (IP - "Internet Protocol").

Um protocolo é um acordo acerca de como fazer as coisas funcionarem em conjunto. Este protocolo não especifica o que as pessoas podem fazer com a rede, o que podem construir na sua periferia, o que podem dizer ou quem pode dizer. O protocolo simplesmente diz: se você quer trocar bits com outros, é assim que se faz. Se você quer conectar um computador - ou um celular ou uma geladeira - à Internet, você tem que aceitar o acordo que é a Internet. De acordo com Galloway (2004) esse protocolo não apenas instala o controle, mas é fundamentalmente a tecnologia de inclusão; a abertura é a chave para essa inclusão. A cultura *hacker* percebe a imaturidade desses protocolos e propõe uma nova ética que vem, não para romper os paradigmas que ainda não existem, mas sim forjar um novo modelo. Esses argumentos e idéias me levam a pensar na Internet como um espaço para agenciamentos, capazes de tornar possíveis saltos muito perceptíveis tanto em relação às transformações no comportamento ético quanto na ação direta da microfísica do poder.

Nessa espuma informacional emergem novas formas de interação. Listas de discussão, blogs, flogs, Orkuts, mensagens instantâneas, ou qualquer outra ferramenta que conecte grupos. Esses grupos formam focos de movimentos sociais. Quanto mais engajado for o projeto mais intensa será a ação coletiva. Mas é especialmente esse fuzuê informacional que torna possível a catalisação do agenciamento coletivo.

Numa multidão hiperconectada o conhecimento livre tende a se expandir. No entanto, a prática do conhecimento livre traz a reboque uma série de novos paradigmas que dialogam em tempo real com os enunciados que até agora deram sustentabilidade filosófica à humanidade. Estamos presenciando mudanças drásticas nos debates sobre propriedade intelectual, liberdade de expressão, nas políticas de comunicação. Estamos apenas no início desta revolução não televisionada.

No artigo *Post-Scriptum sobre as cidades do controle*, Deleuze(1990) aponta para a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. Segundo ele, não precisamos mais da forma de enclausuramento das instituições disciplinares, pois o controle pode ser exercido ao ar livre, sobre os fluxos. Isso significa que não precisamos mais de muros para controlar. O controle se faz pela interação e em rede.

Perguntamos então: será que a sociedade não estaria engendrando uma espécie de prisão ainda mais aperfeiçoada do que todas as outras, por intermédio da conexão ao ciberespaço, pela virtualização das relações humanas, pela ubiquidade, ou por qualquer outra tecnologia que nos permite ir a todos os lugares sem sair do lugar? Michel Serres (1994) chama esta condição de pantopia, em *A lenda dos anjos*, que significa todos os lugares em um só lugar e cada lugar em todos os lugares. Enquanto para Paul Virilio (1993), esse movimento seria negativo, para Serres é positivo.

Se o espaço do enclausuramento tende a migrar para as relações com o ciberespaço, para Virilio (1993) significa o fim do espaço. Pois, “chegaremos ao tempo em que não haverá mais campo de tênis, mas um campo virtual; não haverá passeio de bicicleta, mas exercícios em um *home-trainer* (...) o espaço não se estenderá mais”.

Essa idéia que ciberespaço é o fim do espaço, ou que a ubiquidade absoluta anule anula todo o espaço é uma utopia tecnológica. David Weinberger, inspirado em Heidegger, aponta para a descontainerização da metafísica padrão. A Internet rompe com espaço, com o tempo, com a individualidade e com o conhecimento.

Logicamente que isto não nos torna mais humanos, mas numa simples navegação pelos sites e blogs podemos perceber que essa ruptura nos leva a um novo bom senso. Muito mais humanista, que potencializa a colaboração entre as pessoas. Pois, a conexão e a preocupação nos fazem humanos.

Para Serres a relação de mistura e conexão que a rede forma, cria um espaço diferente. A reconfiguração do espaço que iguala o físico e o virtual: todos os lugares num só lugar e cada lugar em todos os lugares. Na Internet, a informação é o mundo, se a informação é mundo e se este mundo está em rede, então temos tanto a possibilidade de ter todos os lugares quanto a de estar em todos os lugares. Pantopia remete tanto à utopia quanto ao espaço heterotópico, que em Foucault aparece como os diversos agrupamentos dos diferentes tempos e espaços.

O ciberespaço - ou o espaço informacional - não significa anulação do espaço, mas apenas a realização tecnológica do espaço topológico. Ou seja, no ciberespaço vivemos relações de vizinhança, espaço de conexões, herotópico e pantópico. O espaço, segundo Foucault, passa a ser definido pelas relações de vizinhança entre pontos e elementos, formando séries, tramas, grafos, diagramas, redes. E assi, remixando Espinosa: liberdade é uma conquista, não um direito.

## 6. Massas e maltas

Até esse momento, a tradição filosófica proposta nesse trabalho nos mostra uma sociedade que se organiza no processo de comunicação do público e das massas. O estudo de Gabriel Tarde (2007) nos dá uma construção que privilegia as individualidades na multidão. O trabalho de James Surowiecki (2005) em *The wisdom of crowds* faz uma colocação sobre diversidade e independência.

Diversidade e independência são importantes porque as melhores decisões coletivas são produto de desacordos e contestações, ausência de consenso ou compromisso. Um grupo inteligente, especialmente quando se vê confrontado com problemas de cognição, não pede a seus membros que mudem suas posições, mas deixa que o grupo tome uma decisão de acordo com o que cada um sinta o que é melhor para ele. Em vez disso, ele calcula como usar outros mecanismos – como os de preços de mercado ou sistemas de votação inteligente – para agregar e produzir julgamentos coletivos que não representem o que uma pessoa do grupo pensa, mas antes, em certo sentido, o que todos pensam. Paradoxalmente, o melhor modo de um grupo ser inteligente é cada membro dele pensar e agir com o máximo de independência possível (SUROWIECKI, 2005, p. XIX-XX, tradução nossa).

A multidão se faz na inteligência das relações entre as partes. Também associamos essas relações com o pensamento de Leibniz, das mônadas, do todo formado pelas partes. De Espinosa trouxemos as relações de afetos e afecções. Com os pensamentos de André Parente, Deleuze & Guattari, Negri apresentamos idéias de organização na rede.

André Lemos (2004) em *Cibercultura e Mobilidade* faz a passagem entre a massa proposta por Canetti (1995) em *Massa e Poder* com o conceito de Howard Rheingold (2002) de *smart mobs*. Nessa pesquisa, utilizo o conceito de Canetti (1995) para definir uma sociedade que se constitui no movimento tanto das maltas como das massas no contexto da tradição filosófica que estamos apresentando. De acordo com Lemos (2004):

As massas entram na era da conexão. As *smart mobs* encaixam-se nas definições de massa de Elias Canetti [...] Devemos, rapidamente, mostrar essa filiação para não cairmos na visão ingênua de um ineditismo do fenômeno. A novidade é instrumental: o uso de tecnologias digitais móveis nas grandes metrópoles contemporâneas. (LEMOS, 2004)

Em determinados contextos não há como diferenciar a massa da malta. Algumas vezes, a malta representa uma ação que emerge da multidão. Outras vezes, a descrição de massa se encaixa nos usos que temos das redes. Não tenho como objetivo nesse trabalho fazer alguma diferenciação. O enfoque é a forma que as maltas e massas se movimentam e se comunicam.

Discorrendo sobre o movimento e as diversas formas em que a multidão pode se manifestar e agir na sociedade, propondo mudanças. Elias Canetti (1995), diz que:

(...) um fenômeno tão enigmático quanto universal é o da massa que repentinamente se forma onde, antes, nada havia. Umhas poucas pessoas se juntam – cinco, dez ou doze, no máximo. Nada foi anunciado; nada é aguardado. [...] As pessoas afluem, provindas de todos os lados, e é como se as ruas tivessem uma única direção. Muitos não sabem o que aconteceu e, se perguntados, nada têm a responder; no entanto, têm pressa de estar onde a maioria está. Em seu movimento, há uma determinação que difere inteiramente da expressão da curiosidade habitual. O movimento de uns – pode-se pensar – comunica-se aos outros; mas não é só isso: as pessoas têm uma meta. E ela está lá antes mesmo que se encontrem palavras para descrevê-la: a meta é o ponto mais negro – o local onde a maioria encontra-se reunida” (CANETTI, 1995:, p. 14-15).

Para Canetti inclinamo-nos a acreditar no caráter destrutivo da massa pelo aspecto quebradiço de objetos associados ao caminho pelo qual ela percorre tais como vidraças, espelhos, vasos em edifícios e locais de concentração. As massas se constituem basicamente nos tipos – fechada - (limitada, circunscrita, formalista, institucional) e – aberta - (que agrega e não pára de crescer, a massa propriamente dita). De acordo com o autor há quatro características da massa: I) crescer sempre; II) no seu interior reina a igualdade; III) ama a densidade [“Ela nunca é densa o bastante”]; IV) necessita de uma direção. (Canetti, 1995, p. 18).

A massa natural é a massa aberta: seu crescimento não tem limites prefixados. Ela não reconhece casas, portas ou fechaduras; todos os que relutam em se incluir nela tornam-se suspeitos. O termo 'aberta' deve ser compreendido aqui num sentido amplo: a massa é aberta em todas as partes e em todas as direções. A massa aberta existe enquanto cresce. É um fenômeno tão enigmático quanto universal é o da massa que repentinamente se forma onde, antes, nada havia. Umhas poucas pessoas se juntam – cinco, dez ou doze, no máximo. Nada foi anunciado; nada é aguardado. [...] As

peças afluem, provindas de todos os lados, e é como se as ruas tivessem uma única direção. Muitos não sabem o que aconteceu e, se perguntados, nada têm a responder; no entanto, têm pressa de estar onde a maioria está. Em seu movimento, há uma determinação que difere inteiramente da expressão da curiosidade habitual. Sua desintegração tem início no instante que se deixa crescer. (...) pois tão subitamente quanto nasce a massa também se desintegra. Nessa sua forma espontânea, ela é uma construção delicada. Seu caráter aberto, que lhe possibilita o crescimento, representa-lhe também um perigo. A massa traz sempre vivo em si um pressentimento da desintegração que a ameaça e da qual busca escapar através da desintegração que a ameaça e da qual busca escapar através do rápido crescimento. Enquanto pode, ela absorve tudo; uma vez, porém, que tudo absorve, tem ela também de, necessariamente desintegrar-se." (CANETTI, 1995, p. 15).

Na massa, Elias Canetti (1995) distingue dois tipos de multiplicidade que às vezes se opõem e às vezes se penetram: de massa e de malta. Entre características de massa, no sentido de Canetti, é preciso notar a grande quantidade, a divisibilidade e a igualdade dos membros, a concentração, a sociabilidade do conjunto, a unicidade da direção hierárquica, a organização de territorialização, a emissão de signos. Entre características de matilha, a exiguidade ou a restrição do número, a dispersão, as distâncias variáveis indecomponíveis, as metamorfoses qualitativas, as desigualdades como restos ou ultrapassagens, a impossibilidade de uma totalização ou de uma hierarquização fixas, a variedade browniana das direções, as linhas de desterritorialização, a projeção de partículas.

Em *Mil platôs*, Deleuze e Guattari (1995) utilizam as idéias de Canetti para a elaboração de uma teoria das multiplicidades. Partem da crítica da interpretação que Freud faz do caso do homem e os lobos (...) "As multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, pela linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras". Deleuze e Guattari (1995, p. 17) retomam a oposição que Canetti estabelece entre as massas e as maltas (matilha). Uma oposição entre as multiplicidades moleculares e as unidades molares.

Ao citarmos Canetti não propomos aqui outro olhar para a cibercultura. Mais do que isso, a questão refere-se também a estar no mundo de uma outra maneira. Em

*Massa e Poder* Canetti trilha pelo pensamento espinozista baseado em uma filosofia da imanência, das relações, nas quais o sujeito é protagonista de sua própria existência. A parte *ciber* dessa cultura apenas catalisa essas relações. Por isso, a análise que fazemos não é temporal, já que estamos tendendo inexoravelmente para os agenciamentos coletivos, ainda que os enunciados sejam diversos. Penso na tendência inexorável dos agenciamentos coletivos, pois estamos intercambiando os enunciados, a genealogia da moral da civilização. Acredito também que a cultura digital que perseguimos no Brasil é muito diferente daquela que se desenvolve fora do Brasil.

O filósofo Claudio Ulpiano (2008) no texto *A imanência é precisamente a vertigem filosófica, inseparável do conceito de expressão*, nos explica que:

A imanência é precisamente a vertigem filosófica, inseparável do conceito de expressão: (...) não é um sujeito, não é um objeto" (...) o tema de uma velocidade de pensamento maior que toda velocidade dada. A instauração de um plano, de um campo. Fazer com que alguma coisa saia do caos, mesmo que essa alguma coisa difira muito pouco do caos - (...) "implicando uma espécie de experimentação tateante, recorrendo a meios pouco confessáveis, pouco racionais e razoáveis". A apreensão do receptáculo não procede da razão, ou mesmo da opinião, mas sim de um processo híbrido e bastardo - é "como em um sonho", ou como se fosse um sonho. O receptáculo, o meio espacial, está fora do mundo das coisas sensíveis e sobretudo fora do mundo das formas inteligíveis: a crença nele não depende de um ato do intelecto, nem da sensação. É uma espécie invisível e sem forma - isto significando que está excluído do mundo das idéias. Ele está entre, no meio, entre as formas inteligíveis e as coisas sensíveis - entre o sujeito e o objeto: ou melhor, antes deles - condição deles. Parece que no receptáculo habitam um pré-sujeito e uma pré-matéria. Não parece filosofia. (...), e Espinosa é o príncipe absoluto deste reino que "não parece filosofia" mas que o torna, diz Deleuze, o príncipe da filosofia: "a imanência é precisamente a vertigem filosófica", mas a imanência é inseparável da expressão. "A significação do espinosismo nos parece a seguinte: afirmar a imanência como princípio; e liberar a expressão". (...) "O plano de imanência é o virtual, a consciência de direito: Enquanto os acontecimentos que o povoam, os mundos possíveis, são as virtualidades. (ULPIANO, 2008).

Creio que é nesse sentido de imanência do percurso de Espinosa que a cibercultura se afirma. Liberar a expressão é poder, de certa forma, protagonizar a própria

existência. E, isso só acontece porque na virtualidade o homem tem a possibilidade de criar o seu mundo próprio ou imanente.

Ao pensarmos com Ulpiano a imanência vinculada à expressão, queremos destacar o sentido de imanência espinosista em oposição ao de transcendência. Na transcendência haveria uma entidade superior – ou poder – que comandaria as relações e as suas expressões no mundo. Na imanência, Espinosa diz que: Deus está no mundo, e o mundo está em Deus. Não há hierarquia nos atributos de Deus ou da substância, já que são infinitos. E se a substância possui igualmente todos os atributos, não pode existir hierarquia entre os atributos; um não vale mais do que o outro. Em outras palavras, se o pensamento é um atributo de Deus e se a extensão é um atributo de Deus ou da substância, não há hierarquia entre o pensamento e a extensão. Todos os atributos têm o mesmo valor a partir do momento em que eles são atributos da substância. Ainda permanecemos no abstrato. É a figura especulativa da imanência.

Dessa perspectiva, reintroduzimos a questão da hierarquia nas produções coletivas no espaço virtual, sob a visão de Canetti de aponta para a malta (que deriva do latim *movita*, significando movimento). Ou seja, Para ele, malta para ele é uma unidade mais antiga do que massa (Canetti, 1995: 93). A malta seria uma horda de número reduzido (de dez a 20 homens) e uma forma que assume a excitação coletiva, visível em toda a parte. Característico de malta é o fato de não poder crescer. A malta consiste num grupo de pessoas excitadas que nada mais deseja do que ser mais. Trata-se de um conjunto de pessoas que sempre viveram juntas, e que se encontram diariamente, empreendendo a avaliação mútua em atividades conjuntas (Canetti, 1995: 94). Como se constitui apenas de conhecidos, a malta é, num ponto, superior à massa (que pode crescer infinitamente): mesmo quando dispersa por circunstâncias adversas, a malta pode voltar a reunir-se. Canetti define quatro funções e formas para malta: caça (e partilha), guerra (despojos da caça), lamentação (quando perde um elemento), multiplicação (o fazer mais grupos de malta; comunhão ou refeição conjunta). Nesse sentido, cabe salientar que a malta apresenta um caráter emergente enquanto a massa aparece como grupo constituído.

Com referência às maltas, das características próprias das massas, crescimento, densidade, igualdade e direcionalidade, algumas desaparecem e outras se intensificam. Concretamente, as propriedades relacionadas com a quantidade desaparecem nas maltas, já que nestas constam poucos membros e esses membros estão muitos dispersos. Em contrapartida, a igualdade entre os membros se mantém, assim como a direcionalidade.

Enquanto as massas são extensivas, as maltas são intensivas; enquanto as massas são frequentemente passivas, as maltas são unidades de ação. Essa é uma outra oposição fundamental entre massa e malta. Segundo Deleuze e Guattari, a oposição se refere à distinção da forma de hierarquização que apresentam: enquanto as massas estão submetidas a uma hierarquização rígida, as maltas apresentam uma hierarquia flexível e cambiante, que depende do tipo de missão que a malta acomete a cada momento. Sem dúvida, não existe mais igualdade e nem menos hierarquia nas matilhas do que nas massas, mas elas não são as mesmas. O chefe de matilha ou de bando arrisca a cada vez, ele deve colocar tudo em jogo a cada vez, enquanto que o chefe de grupo ou de massa consolida e capitaliza aquisições. A matilha, mesmo em seus lugares, constitui-se numa linha de fuga ou de desterritorialização que faz parte dela mesma, linha a que ela dá um elevado valor positivo, ao passo que as massas só integram tais linhas para segmentá-las, bloqueá-las, afetá-las com um signo negativo.

Canetti observa que, na malta, cada um permanece só estando, no entanto, com os outros (por exemplo, os lobos-caçadores); cada um efetua sua própria ação ao mesmo tempo em que participa do bando: "Nas constelações cambiantes da malta, o indivíduo se manterá sempre em sua periferia."

Por outro lado, em relação ao território, as massas são sedentárias, enquanto que os bandos estão continuamente sujeitos a um processo de desterritorialização, que estabelece linhas de fuga, uma vida nômade. Finalmente, nas maltas cada indivíduo, ainda que, esteja com o resto do bando permanece solitário. No limite, oscila entre o dentro e o fora. É dizer que ocupa uma posição esquizo; enquanto que nas massas os indivíduos tendem ao centro, ao lugar de máxima densidade.

Não somente existem bandos humanos, como também, entre eles, alguns particularmente refinados: a 'mundanidade' distingue-se da 'sociabilidade' porque está mais próxima de uma matilha, e o homem social tem do mundano uma certa imagem invejosa e errônea, porque desconhece as posições e as hierarquias próprias, as relações de força, as ambições e os projetos bastante especiais. As correlações mundanas jamais recobrem as correlações sociais, não coincidem com estas. Inclusive os "maneirismos" (existentes em todos os bandos) pertencem às micro-multiplicidades e distinguem-se das maneiras ou costumes sociais. Não se trata, no entanto, de opor os dois tipos de multiplicidades, as máquinas molares e moleculares, segundo um dualismo que não seria melhor que o do uno e do múltiplo. Existem unicamente multiplicidades de multiplicidades que formam um mesmo agenciamento, que se exercem no mesmo agenciamento: as matilhas nas massas e inversamente. As árvores têm linhas rizomáticas, mas o rizoma tem pontos de arborescência.

As sociedades de massas contemporâneas são tanto mais massivas quanto mais totalitárias. E, são submetidas a um código rígido. Apresentam um aspecto de bando ou de malta quando regidas pelos axiomas flexíveis do capitalismo que agrega novos axiomas assim que surgem novos desafios. A flexibilidade do capitalismo contemporâneo se baseia mais no seu caráter de bando, de um pequeno nicho ou grupo do que na característica de massa homogênea.

Se o capitalismo fordista se baseava na produção e no consumo da massa, uniforme e igualitário, o capitalismo atual, pós-fordista, se baseia mais na produção customizada. Nesse sentido, o capitalismo atual é uma sociedade de bandos ou maltas, mais que de massas. Por isso é um absurdo interpretar a oposição malta/massa mediante um esquema evolutivo, no qual as maltas são sucedidas pelas massas criadas por impérios despóticos que logo são absorvidas pelo capitalismo. Massas e maltas são polos coexistentes e não sucessivos de todas as sociedades humanas.

Ocorre, com as grandes massas da natureza e da sociedade, o mesmo que ocorre com os continentes resfriados na tectônica das placas. Se desejamos compreender seu movimento, precisamos descer nessas fendas em chamás

onde o magma irrompe e a partir do qual serão produzidas, muito mais tarde e mais longe, por resfriamento e empilhamento progressivo, as duas placas continentais sobre as quais nossos pés estão firmemente fixados. Nós também devemos descer e aproximar-nos desses lugares onde são criados os mistos que irão tornar-se, muito mais tarde, coisas naturais ou sociais. (LATOURE, 2008, p. 86)

Com esse entendimento das massas, Latour (2008) propõe explorar as fendas, o magma. Ou seja, para entender a sociedade na rede temos que explorar aonde a fragilidade é a dinâmica.

Partindo de Canetti (1995), entendemos que a massa demanda por uma descarga. Percebemos que a sociedade da colaboração não pressupõe projetos em que as pessoas se engajam *ad eternum*: As coisas são dinâmicas e as colaborações têm efeitos dinâmicos. Ele vê forças de resistência e transformação nesta nova dinâmica cultural. A rede modifica conceitos, provoca alterações da metafísica padrão. Não é possível pensar em tempo e espaço da mesma forma. O tempo é assíncronico e o espaço é a conexão.

Essa impermanência é uma atitude de uma sociedade conectada. Uma desconstrução para uma aglutinação com uma outra estabilidade. Assim, não dá para entender esse novo momento sob a ótica e as convenções do velho paradigma capitalista. A impermanência é um aspecto da esquizofrenia informacional. Negri e Hardt (2005) chamam de multidão esse monstro ontológico que aflora de baixo para cima para o enfrentamento do poder imperial. Há um desvencilhamento e uma nova reunião, conforme Canetti (1995) a descarga da multidão como um movimento de impermanência:

(...) momento em que todos os que a compõem desvencilham-se de suas diferenças e passam a sentir-se iguais. Por diferenças há que se entender particularmente aquelas impostas a partir do exterior – as diferenças determinadas pela hierarquia, posição social e pela propriedade. (CANETTI, 1995, p. 16).

Como em todos os processos inovadores, o modo de produção que emerge é instalado contra as condições das quais ele deve se liberar. O modo de produção da multidão é instalado contra a exploração em nome do trabalho, contra a propriedade

em nome da cooperação, e contra a corrupção em nome da liberdade. Nele autovalorizam-se os corpos no trabalho, a inteligência produtiva é reapropriada mediante a cooperação, e a existência se transforma em liberdade. A história da composição de classe e a história da militância trabalhadora demonstram a matriz destas sempre novas, e ainda assim determinadas, reconfigurações de autovalorização, cooperação e auto-organização política, como um efetivo projeto social.

Pois tão subitamente quanto nasce a massa também se desintegra. Nessa sua forma espontânea, ela é uma construção delicada. Seu caráter aberto, que lhe possibilita o crescimento, representa-lhe também um perigo. A massa traz sempre vivo em si um pressentimento da desintegração que a ameaça e da qual busca escapar através do rápido crescimento. Enquanto pode, ela absorve tudo; uma vez, porém, que tudo absorve, tem ela também de, necessariamente desintegrar-se.(...)Aquilo, porém, com que ela conta muito especialmente é a repetição. Graças à perspectiva de voltar a reunir-se, a massa sempre se ilude quanto a sua dissolução. O edifício espera por ela, existe por sua causa, e, enquanto ele existir, as pessoas voltarão a reunir-se de todo semelhante. Mesmo na maré baixa, o espaço lhes pertence e, vazio, ele lembra a época da cheia." (CANETTI, 1995, p. 15-16)

A noção de repetição em Canetti, tal qual a idéia de imitação em Tarde, refere-se à forma de desintegração e reintegração da massa em momentos históricos distintos (mesmo que seja em questão de minutos) compara-se com o movimento de ondas de repetição e inovação. Creio que numa operação pirata os nós se relacionam livremente; as pessoas se enclavam em zonas de poder. E, nessas zonas pode-se alterar (ou não) o percurso. Mas isso não me parece suficiente. Porque esse tipo de ação é a contradição do sistema e, dessa forma, o sistema se retroalimenta. Não é possível revolucionar apenas com a ocupação dos espaços. Faz-se necessária a retomada do agenciamento coletivo. As mudanças e transformações efetivas acontecem no plano da imanência.

## 7. Web invisível

O invisível não é o contrario do visível, é sua contrapartida secreta. O invisível contém o visível. E, para não desbalancear essa equação o visível contém o invisível. Há algo mais que o visível ou do invisível na rede. Nietzsche soube fazer a pergunta certa (...)” Para tudo que o homem permite fazer-se visível, podemos nos perguntar: o que é que ele deseja esconder?”. Na Web, existir é ser visto.

O sentido é invisível, mas o invisível não é o contraditório do visível: o visível possui, ele próprio, uma membrura de invisível, e o in-visível é a contrapartida secreta do visível, não aparece senão nele (...) não se pode vê-lo aí, e todo o esforço para aí vê-lo o faz desaparecer, mas ele está na linha do visível, é a sua pátria virtual (...) As comparações entre o visível e o invisível (o domínio, a direção do pensar...) não são comparações (Heidegger), significam que o visível está prenhe do invisível, que para compreender plenamente as relações visíveis (casa) é preciso ir até a relação do visível com o invisível...O visível do outro é o meu invisível; o meu visível, o invisível do outro(...)" (MERLEAU-PONTY, 1984, p.200)

Ao tratar a Web como parte de uma sociedade organizada a idéia do invisível passa a ser objeto de análise. Pois, para qualquer pessoa que não acessa as redes sociais, a conversação e todo compartilhamento de informações se mostra invisível. Segundo Merleau - Ponty “o invisível é aquilo que é visto por outro diferente de mim” (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 209). Assim, mesmo as pessoas que tenham hábitos parecidos com os meus ou com os seus, enxergam a Internet de uma forma diferente do que a nossa.

Ao tratar dos coletivos como sendo produções de *naturezas-culturas*, híbridas, que se expandem para além de definições que tais domínios poderiam delimitar, Latour (2008, p.105) menciona que ao percorrer as redes não se encontra nada que seja particularmente homogêneo: "Ninguém jamais ouviu falar de um coletivo que não mobilizasse, em sua composição, o céu, a terra, os corpos, os bens, o direito, os deuses, as almas, os ancestrais, as forças, os animais, as crenças, os seres fíctícios." Ao descrever esse movimento causado por seres cuja existência mescla tanto os *homens-entre-si*, conforme a sociedade dos sociólogos, quanto as *coisas-*

*em-si* da natureza dos epistemólogos, o autor se aproxima da idéia de *massas invisíveis* de Canetti (1995, p. 41), cujas origens e lugares podem ser considerados, inicialmente, plano da transcendência, ao serem proferidas, lembradas pelos homens e, no entanto, causam intervenções no plano da imanência. As multidões invisíveis mantêm vivas as multidões visíveis e vice-versa. Colocando a contradição de que as religiões tenham se iniciado a partir de uma multidão invisível Canetti afirma que seria possível e mais positivo classificar as religiões de acordo com o modo como elas manipulam suas multidões invisíveis e exercem o poder sobre a multidão visível.

Em 1962, a partir de uma conversa entre Adorno e Elias Canetti (publicada em 1986), *Diálogo sobre as massas, o medo e a morte* sobre a relação entre a multidão, o poder e a sobrevivência, Adorno ressalta a importância de abordar a idéia de massa invisível, como um conceito poderoso presente em todas as sociedades cujo estudo foi negligenciado durante anos pela sociologia por considerar que crenças e desejos em um mundo espiritual fossem algo que não tivesse em si o poder de interferir na realidade econômica e social de um povo. Não quero especular as razões pelas as pessoas enxergam os demônios. Entendo apenas que a massa invisível e a massa visível estão em contato. Numa relação de interface o invisível pode ser visto. Por poucos ou por muitos. Isso não interessa. Existe, no entanto, essa conexão. Canetti aponta que a massa invisível continua a existir atualmente e compara esse medo invisível dos demônios com o medo despertado na idade moderna pelo descobrimento das bactérias, dos vírus. A maioria de nós nunca olhou através de um microscópio para ver uma bactéria, mas sabemos que ela existe e acreditamos nela como algo invisível e real. Esse comportamento também refere-se ao modo como entendemos a multidão. Um exemplo são as constantes possibilidades de desastres naturais. O fato de as pessoas agirem segundo seus sentimentos, mais especificamente, segundo crenças e ideologias, sugere que a influência das massas invisíveis configura ou prevê ações reais e eventos que não podem ser ignorados. Canetti (1986)

Essa raiz antropológica de visão da sociedade compartilhada por Canetti, capaz de abarcar a percepção do invisível e sua ação do transcendente para o imanente,

impõe necessidades, além de crenças e desejos, necessidades de equipamentos. Para uns, objetos sagrados, para outros microscópios e, atualmente, computadores e *gadgets*. A situação é que, em rede, os planos imanente e transcendente coexistem, se misturam, as fronteiras são vazadas. "Aquilo que a razão complica, as redes explicam". Razão essa que articula os mundos do transcendente e do imanente como opostos, quando a oposição só se manifesta por meio da construção de um projeto de representação denominado modernidade.

Compondo uma relação de cumplicidade entre os campos, não mais como opostos mas como co-existentes em qualquer processo ou movimento dos *coletivos* (como há muito tempo sempre o foram), podemos dizer que a Internet deixou de ser um campo virtual, ela é bem real e ao mesmo tempo composta por uma multidão invisível. Com o passar do tempo, a internet se constitui em um plano de imanência do qual faz parte uma multidão invisível de pessoas...local de construção de enunciados, depósito de conhecimentos. O que é a virtualidade hoje senão a expressão da potência de mediadores que enunciam, ou delegam, atuam, através de um espaço imanente?

Elias Canetti escreveu que era muito interessante observar que somos capazes de desenvolver tecnologias, mas que todas elas foram pensadas, primeiramente, no mundo do mito. Canetti (1995, p. 41-42) menciona a importância da figura dos xamãs como mediadores da massa invisível: "Às pessoas comuns, eles permanecem invisíveis, mas há homens com dons especiais – os xamãs -, entendidos com conjurações, capazes de subjugar os espíritos, que se tornam seus servos." Assim como os xamãs são mediadores, os usuários da tecnologia assumem esse papel de mediadores e exercem o poder de subjugar informações e meios de acordo com um fim que lhe seja interessante. São os *empowerment users*, realizando a conexão com o mundo invisível repleto de atores em ação na rede. O nosso problema principal, dizia Canetti, é que nós não temos capacidade de inventar mitos. Portanto, nós estamos produzindo tecnologias agora em cima de mitos que foram produzidos antigamente, mas não estamos produzindo as bases de tecnologias futuras em razão dessa incapacidade de inventar mitos. Buscamos no

passado talvez os mitos que possam explicar essa geração de usuários produtores e disseminadores de conhecimento na rede.

O computador, os *mobiles*, as ferramentas de acesso à web são os microscópios que dão visibilidade a web invisível. A Internet é transparente para aquele que não se adentrou na rede hiperconectada. É necessário transpor a arrebentação da interface entre o atual e o virtual. Muito embora, trata-se de um mesmo mundo. Um mundo que cada vez mais tem na tecnologia a passagem para uma zona de experiências para outra. E, vice versa.

1. As redes sociais pressupõe-se uma visão da comunidade que é invisível para quem está fora. É muito sutil esse relacionamento. Exige confiança, compromisso e reputação. As redes sociais são massas e maltas. São aglomerados de links que se linkam por interesses comuns. Comunidade é sobre isso. Convivemos, em rede, com diversas massas e diversas maltas. Pois, os interesses das pessoas são múltiplos. Misturamos, sem o menor pudor, nossos desejos com as coisas, o sentido com o social, o coletivo com as narrativas.
2. O princípio que as pessoas estão conversando de uma forma diferente na internet leva-nos a tentar compreender os espaços informacionais por um outro ponto de vista. Numa internet, cheia de trocas de informações, emails indo e vindo. Poesias, piadas, correntes, textos, artigos, pensamentos, listas, E-zines, Twitter, Orkut, YouTube, PodCast, newsletters e relacionamentos fazem parte do no nosso cotidiano digital. Isso passou a ser normal a qualquer interneteiro. A expressão Web invisível só faz sentido numa época onde a interface tecnológica não atende a todas as pessoas. Seja pelo gap econômico, seja pelo gap geracional.

Este fluxo quase infinito de informações, por emails, somados ao poder dos sites e potencializado pela dinâmica da Web, faz da conversação o caldo de cultura de outras formas de relacionamento humano. É lógico que trata-se de uma conversação muito diferente daquela que estamos acostumados no nosso cotidiano.

## 8. Considerações Finais

O crescimento desta mídia binária é muito rápido. Estamos adotando as tecnologias na Internet numa velocidade absurda. Existe uma diferença em relação aos outros meios. As pessoas estão conversando na rede de uma forma muito peculiar. Usamos e-mails, *blogs*, listas, chats e fóruns para reverberar as palavras. A sedução espiritual da Web é a promessa do retorno da voz da multidão invisível. Queremos resgatar a capacidade de comunicação.

No final dos anos 90, entramos nessa onda sem saber exatamente para que servia a Internet. As pessoas logo entenderam que é barato falar na rede. Além disso, a distribuição livre de informação deixa as pessoas mais inteligentes, mais capacitadas para participar do dinamismo da Web. Afinal, sempre quisemos falar para o mundo. Recuperar a voz perdida e romper com a hierarquia das organizações, mostrando o nosso valor.

O *Manifesto Cluetrain* expôs isso de maneira clara ao propor o fim dos negócios como conhecemos. Por quê? Os mercados são conversações. E esta conversação faz as pessoas se aproximarem, não só para trocar informações cotidianas, muitas vezes descartáveis. Mas para uma auto-organização da sociedade civil.

Esta é a proposta do movimento dos códigos livres. Uma organização colaborativa, anárquica e disforme. Poderosa pela essência que une as pessoas num projeto comum. A rede faz este movimento aflorar, apavorando o grande monopólio, as grandes corporações, os acordos dos mestres capitalistas. No entanto, a revolução digital ganha corpo. É difícil combater a organização de pessoas comuns; ela é emergente. Funciona nos links.

Estamos todos, direta ou indiretamente, linkados. As pessoas se linkam umas às outras por laços ou nós de vários tipos. Estes, por sua vez, se constituem enquanto matéria interessante para analisar as relações entre as pessoas, culturas, instituições e sociedades.

Link é poder. Refletindo sobre este poder ao longo da história, percebemos que a sociedade não estaria constituída da maneira como a conhecemos não fosse pela articulação das pessoas, umas linkadas às outras por interesses, laços familiares ou quaisquer outras manifestações humanas que levem uma pessoa a se relacionar.

Chris Locke diz que a rede é a anfetamina das conversações. Esse parlatório está modificando toda a estrutura de poder. Pessoas comuns falando e desenvolvendo projetos pessoais repercutem novas idéias desbalanceando o entre dos mercados e das empresas. A Internet trouxe a idéia de revolução e também críticas inequívocas acerca de como a sociedade moderna está estruturada. Romper paradigmas significa destruir os preconceitos nos quais estamos inseridos.

Desde o ponto de vista da conversação em rede que estaremos tratando a pesquisa sobre as zonas de colaboração e, mais especificamente o caso do Metareciclagem. O que interessa nesse momento é compreender como um grupo emergente, que se forma como uma multidão hiperconectada, tem conseguido impactar desde projetos independentes de apropriação tecnológica como a política pública de inclusão digital no Brasil.

Desta forma, estaremos a partir desta proposta de qualificação, retomando à análise do MetaReciclagem, desenvolvendo o objeto de estudo sob o viés das intervenções comunicativas do movimento como mídia tática - uma subversão tática da mídia. Subversão no sentido de inversão, do desvio do uso tático. Para Garcia e Lovink (1997), mídia tática é o uso de forma mais crítica dos 'aparelhos' de mediação para o "questionamento das informações circulantes de um modo mais bem mais participativo e opositor que as mídias convencionais."

A mídia tática não visa repetir o conceito de comunicação de massa. Subverte pela negação e pela reciclagem da linguagem imposta. É a revolução dos mercados que sentem que a comunicação de massa não atende aos anseios da sociedade. E buscam a descentralização da informação. E, segundo Garcia e Lovinck (1997) "atingem assim um público amplo e de diversas classes sociais com múltiplas e criativas (não utópicas, ilusórias e imparcial) formas de visões sobre fatos relativos à sociedade, política, ecologia, educação, cultura, conspirações." Algumas vezes a

proposta do movimento, ou seja, a apropriação da tecnologia se confundirá com a ação comunicativa.

A metodologia escolhida foi a pesquisa-ação por se tratar de uma intervenção do pesquisador no âmbito do agenciamento coletivo e uma análise de intervenções comunicativas na realidade.

Os dados serão coletados on-line. A utilização da lista de discussão do MetaReciclagem é o ponto de partida, pois é neste espaço informacional que as conversas apresentaram maior dinamismo desde o início do movimento em 2001. Desta forma, abordaremos algumas questões acerca de como a comunicação entre os membros do grupo impactam no agenciamento das idéias MetarRecicleiras para dentro e para fora do grupo.

Também utilizaremos entrevistas focadas nos membros fundadores do MetaReciclagem, bem como das pessoas mais atuantes nessa rede. Essas entrevistas estão focadas na abrangência conversacional do movimento, sua ação comunicativa e o impacto na sociedade. Pessoas ligadas ao poder público, à vida acadêmica e à sociedade civil, que de certa forma tenham sido agenciadas durante o período dessa pesquisa, também serão incluídas no corpus das entrevistas que serão efetuadas, utilizando-se os meios digitais como textos, enquetes, áudio e vídeo. Para essa ação, nos serviremos das ferramentas comuns na Internet.

Além disso, utilizaremos o site <<http://www.metareciclagem.org>> para propor à comunidade do MetaReciclagem algumas formas inovadoras de captura de dados. Pensamos em utilizar as *tags* dos *blogs* e *microblogs* ( Twitter) para, por um lado capturar informações e, por outro, propiciar a disseminação dessas informações em tempo real.

## 9. Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W.; CANETTI, E. Diálogo sobre as massas, o medo e a morte. **Debats**. Valência: ES. n. 17, set, 1986.

BARABÁSI, A. L. **Linked**: how everything is connected to everything else and what it means for business, science, and everyday life. New York: Plume Book, 2003.

BARBROOK, R. **Imaginary futures**: from thinking machines to the global village. Willesden, London, 2006. Disponível em < <http://imaginaryfutures.net>> Acesso em: 19 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. Cyber-communism: how the Americans are superseding capitalism in cyberspace. **Science as Culture**. n. 1, v. 9, p. 5-40, 2000. Disponível em: < <http://www.imaginaryfutures.net/other-works/>> Acesso em 12 set. 2008.

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2.ed.Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

BENKLER, Y. **The wealth of the networks**: how social production transforms markets and freedom. New Haven: Yale University Press, 2006. Disponível em: <[http://www.benkler.org/Benkler\\_Wealth\\_Of\\_Networks.pdf](http://www.benkler.org/Benkler_Wealth_Of_Networks.pdf)> Acesso em: 16 jul. 2006.

BEY, H. **TAZ**: zona autônoma temporária. São Paulo: Editora Conrad, 2001.

BORGES, J. L. **Obras completas**. São Paulo: Globo, 1998. v. 1.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BOYD, Danah. **Taken out of context**: american teen sociality in networked publics. 2008. 393f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Information Management and Systems) University of California, Berkeley, 2008.

BRANDÃO, C.R. (Org.) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo:

Brasiliense, 1999.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. v.1.

\_\_\_\_\_. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CRITICAL ART ENSEMBLE. **Distúrbio eletrônico**. São Paulo: Conrad. 2001.

COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface**. Botucatu: SP, v. 9, n. 17, p. 235-248, ago. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832005000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 dec. 2008.

\_\_\_\_\_. Inteligência afluyente e ação coletiva: a expansão das redes sociais e o problema da assimetria indivíduo/grupo. **Razón y palabra**, n.41, 2004. Disponível em: <<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/rdacosta.html>>. Acesso em 28 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. **A cultura digital**. São Paulo: PubliFolha, 2002.

De MASI, D. **O ócio criativo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

\_\_\_\_\_. **A sociedade pós-indústria**. São Paulo: Senac, 1999.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 5.

DiBONA C. OCKMAN S. STONE M. **Open sources:** voices from the open source revolution. Cambridge, MA: O'Reilly, 1999.

DIMANTAS, H. **Marketing Hacker:** a revolução dos mercados. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

\_\_\_\_\_. **Linkania:** a sociedade da colaboração. 2006. 77 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

DOCTOROW, C. et. al. **Essential blogging:** selecting and using weblog tools. Cambridge, MA: O'Reilly, 2002.

ESCOBAR, A. Welcome to cyberia: notes on the anthropology of the cyberculture. **Current anthropology.** v.35, n. 3, p. 211-231. Jun. 1994. Disponível em: < <http://www.unc.edu/~aescobar/text/eng/arturowelc.pdf> >. Acesso em: 20 jul. 2008.

ESPINOSA, B. Ética. In: **Os pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FONSECA, F. **Tecnologia social.** São Paulo, 2004. Disponível em: < <http://portal.softwarelivre.org/news/2010>> Acesso em: 28 fev. 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 21.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

\_\_\_\_\_. **O pensamento do exterior.** São Paulo: Princípio, 1990.

GARCIA, D.; LOVINK, G. **The abc of tactical media.** Holanda, 1997. Disponível em: < [assail.files.wordpress.com/2007/11/abc-of-tactical-media.pdf](http://assail.files.wordpress.com/2007/11/abc-of-tactical-media.pdf) > Acesso em: 24 jun. 2009.

GALLOWAY, A. **Protocol:** how control exists after decentralization. Cambridge, MA:

Mit Press, 2004.

GILLMOR, D. **We the media**: grassroots journalism by the people, for the people. Cambridge, MA: O'Reilly, 2004.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2006.

HABERMAS, J. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Teoría de la acción comunicativa**: crítica a la razón funcionalista. Madrid: Taurus, 1987. v. 1.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**: guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HEIDEGGER, M. **Introdução à filosofia**. Tradução: Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Da experiência do pensar**. Porto Alegre: Globo, 1968.

HIMANEN, P. **Pólis virtual Robin Wood no hiperespaço**. São Paulo, 2003. Disponível em: < <http://www.softwarelivre.org/news/904>> Acesso em: 20 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. **The hacker ethic**: and the spirit of the informational age. New York: Randon House, 2001.

JENKINS, H. **Convergence culture**: where old and new media collide. New York: NYU Press, 2008.

JOHNSON, S. **Emergência**: a dinâmica de rede em formigas, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2003.

\_\_\_\_\_. **Cultura da interface**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KLEIN, N. **No logo**: no space, no choice, no jobs. New York: Picador, 2000.

LACKOFF, G. JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University Chicago Press, 1980.

LAZZARATO, M. From capital-labour to capital-life. **Ephemera: theory & politics in organization**. v. 4(3), p. 187-208, 2004.

LE BOTERF, G. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, C.R. (Org.) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **La monadologie**. Paris : Librairie Général Française, 1991.

LESSIG, L. **Remix**: making art and commerce thrive in the hybrid economy. New York: Penguin Press, 2008.

\_\_\_\_\_. **Free culture**: how big media uses technology and the law to lock down culture and control creativity. New York: The Penguin Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **The future of ideas**: the fate of the commons in a connected world. New York: Vintage, 2001.

\_\_\_\_\_. **Code and other laws of cyberspace**. New York: Basic Books, 1999.

LEVINE, R. et. al. **The cluetrain manifesto**: the end of business as usual. New York: Basic Books, 2001.

LÉVY, P. **A conexão planetária**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4 ed. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2003.

LOPES, M.I.V. de. **Pesquisa em comunicação**. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola,

2005. (Série Comunicação).

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (understanding media). São Paulo: Cultrix, 1979.

MANOVICH, L. **The language of new media**. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.

MARÍAS, J. Los estilos de la filosofía. Tradução: Sylvio Horta. Madrid, 2000.  
Disponível em: <http://www.hottopos.com/harvard4/jmshdg.htm> Acesso em 05 abr. 2009.

MORIN, E. **Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.

MATTELART, A., MATTELART, M. **Histórias das teorias de comunicação**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

NEGRI, A.; HARDT, M. **Empire**. London: Harvard University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **Multitude: war and democracy in the age of empire**. New York: The Penguin Press, 2004.

NIETZSCHE, F. **A genealogia da moral**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

PARENTE, A.; Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2004. Org. André Parente.

RAYMOND, E. S. **The cathedral & the bazaar: musings on linux and open source by an accidental revolutionary**. Sebastopol, CA: O'Reilly & Associates, 1999.  
Disponível em: <http://www.geocities.com/CollegePark/Union/3590/pt-cathedral-bazaar.html>> Acesso em 08 jan. 2008.

RHEINGOLD, H. **Smart mobs: the next social revolution**. New York: Perseus Books, 2003.

\_\_\_\_\_. **Virtual community**: homesteading on the electronic frontier. Cambridge, MA: MIT Press, 2000. Disponível em: < <http://www.rheingold.com/vc/book/>> Acesso em 17 jul. 2008.

SAAD, E. **Estratégias para a mídia digital**: internet, informação e comunicação. São Paulo: Senac, 2003.

SEARLS, D., WEINBERGER, D.; **World of ends**: what the internet is and how to stop mistaking it for something else, 2003. Disponível em: < <http://www.worldofends.com>> Acesso em 25 ago. 2004.

SHIRKY, C. **Here comes everybody**: the power of organizing without organizations. New York: Penguin Press, 2008.

SILVEIRA, S. A. et. al. **Software livre e inclusão digital**. São Paulo: Conrad, 2003.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

STALLMAN, R. M. **Free software, free society**: selected essays. Boston: GNU Press, 2002. Disponível em: < <http://www.gnu.org/philosophy/fsfs/rms-essays.pdf>> Acesso em: 17 jul. 2008.

SUROWIECKI, J. **The wisdom of crowds**. New York: Anchor Books, 2005.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia**: e outros ensaios. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

\_\_\_\_\_. **A opinião e as massas**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TERRANOVA, T. **Network culture**: politics for the information age. London: Pluto Press, 2004.

THIOLLENT, M. J. M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15.e.d. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção temas básicos da pesquisa-ação).

\_\_\_\_\_. **Crítica metodológica, investigação social & enquete operária**. 2.ed. São Paulo: Polis, 1980. v.6 (Coleção Teoria e História).

TORVALDS, L.; DIAMOND, D. **Só por prazer: Linux – bastidores da sua criação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

UGARTE, D. **El poder de las redes**. Espanha, 2007. Disponível em: <<http://www.deugarte.com/manual-ilustrado-para-ciberactivistas>> Acesso em 13 out. 2008.

ULPIANO, C. **Liberdade e pensamento em Espinosa**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?gl=US&feature=related&v=KMhuVkSDQPs>> acesso em 25 set. 2008.

\_\_\_\_\_. **A imanência é precisamente a vertigem filosófica, inseparável do conceito de expressão**. Disponível em: <[http://www.claudioulpiano.org.br/textos\\_texto02.html](http://www.claudioulpiano.org.br/textos_texto02.html)> Acesso em: 29 jan. 2009.

VIRILIO, P. **Cibermundo: a política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000.

WEINBERGER, D. **The long conversation**. UK, 2004. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/technology/2004/may/27/media.newmedia>> Acesso em: 20 jul. 2008.

\_\_\_\_\_. **The hyperlinked metaphysics of web**. Disponível em: <<http://www.hyperorg.com/misc/metaphysics/>> Acesso em: 31 março de 2009.

\_\_\_\_\_. **Small pieces loosely joined: a unified theory of the web**. New York: Perseus Books, 2002.